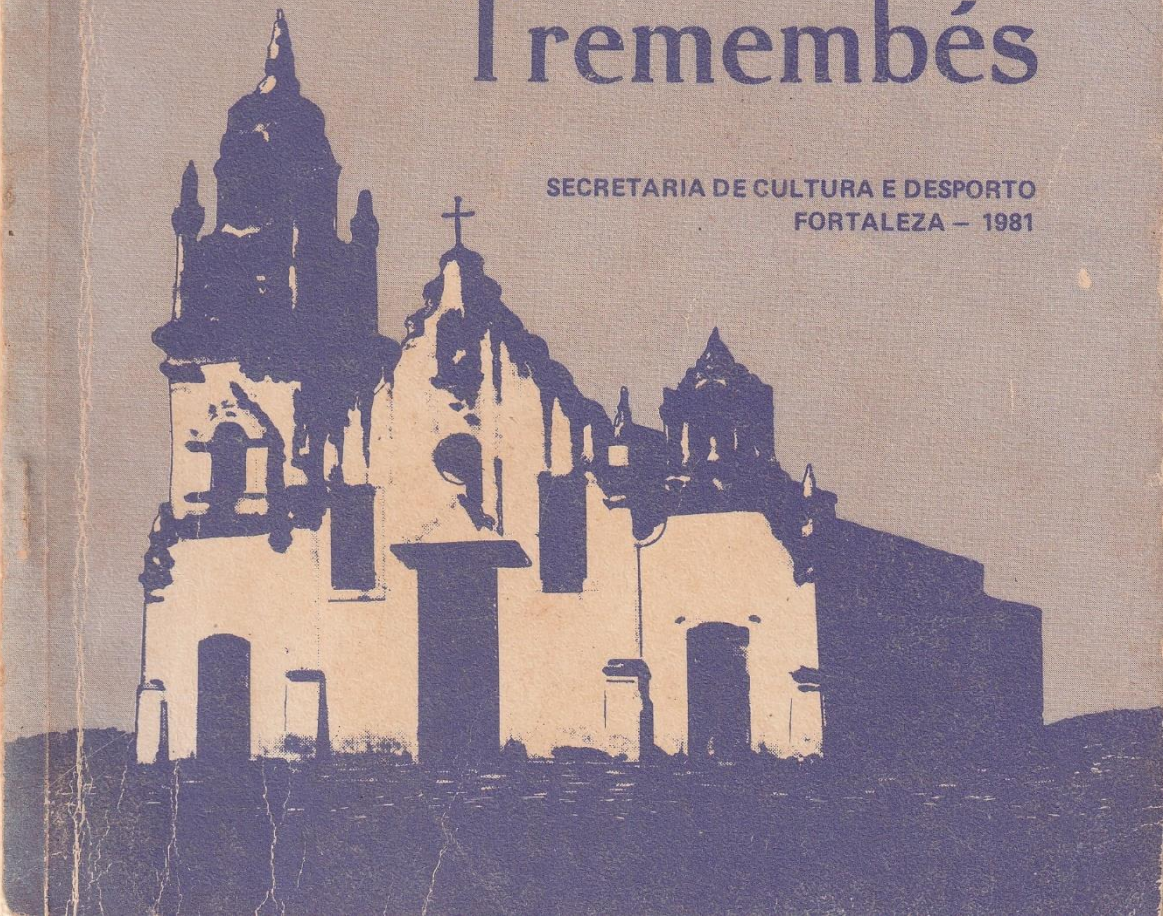
NICODEMOS ARAÚJO

# Almofala e os Tremembés

SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO
FORTALEZA – 1981



# ALMOFALA E OS TREMEMBÉS

NICODEMOS ARAÚJO

# ALMOFALA E OS TREMEMBÉS

FORTALEZA
SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO
1981

NICODEMOS ARAÚJO
SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO
1981
Av. Presidente Castelo Branco, 255
Fortaleza – Ceará

**IMPRESSO NO BRASIL**
**CATALOGAÇÃO NA FONTE ..BPGMP**

Araújo, Nicodemos
A658a Almofala e os Tremembés. Fortaleza
Secretaria de Cultura e Desporto, 1981
p.

1. Almofala, Ce – Usos e costumes
2. Almofala, Ce – Aspectos diversos
3. Tremembés (Índios)

I. Título CDD 390.098131

À imortal memória do Padre Antônio Tomás,
com profunda veneração.

Secretário de Cultura e Desporto:
MANUEL EDUARDO PINHEIRO CAMPOS

Diretor de Departamento de Cultura e Esportes:
JOSÉ ACÚRCIO BARROSO FILHO

Presidente do Banco do Estado do Ceará:
LUIZ GONZAGA FRUTADO DE ANDRADE

Diretor-Presidente da Imprensa Oficial do Ceará:
JOSÉ DE ANCHIETA GOMES BARREIRA

A publicação desta obra tornou-se possível graças ao apoio da Secretaria de Cultura e Desporto, Imprensa Oficial do Ceará e Banco do Estado do Ceará — GOVERNO VIRGÍLIO TÁVORA.

# S U M Á R I O

Pág.

O Topônimo ..... 17

Almofala ..... 21

Os Tremembés ..... 37

A Capela ..... 51

Vida Religiosa ..... 79

Vida Cultural ..... 87

Vida Política ..... 101

Vida Econômica ..... 107

## PALAVRAS AO LEITOR

Tendo em vista o indiscutível valor histórico da vetusta povoação de Almofala e de sua formosa igreja setecentista — inumada na areia, pelos ventos marinhos e, quase meio século depois, exumada pelas mesmas correntes eólicas que a tinham sepultado — resolvemos coligir algumas anotações sobre a vida daquela comunidade, em seus diversos aspectos.

Todavia, não se trata aqui de um estudo referente aos índios Tremembés, que durante tantos anos povoaram aquela magnífica praia; ou sobre a Missão do Aracati-mirim, que ali aldeou aqueles silvículas; ou sobre a riqueza do folclore daquela tradicional localidade; ou ainda sobre a história fascinante daquele famoso povoado marítimo acarauense. Nada disto.

Para qualquer uma dessas tarefas nos faltam "engenho e arte". E nos faltam, também, as indispensáveis fontes de pesquisas que possibilitariam a elaboração de um trabalho convenientemente apresentável.

Quisemos, simplesmente, escrever alguma coisa que representasse um subsídio, deficiente embora, para ajudar aos que, muito provavelmente tentarão estudar aquele aglomerado humano, desde os seus primórdios, aí pelo amanhecer do século dezoito. Quisemos cooperar com os estudiosos da antropologia indígena, no que concerne à vida e às atividades dos turbulentos índios Tremembés; e contribuir, de qualquer maneira, para que Almofala e sua artística igrejinha de estilo barroco, sejam algo mais conhecidas dentro e fora do município de Acaraú.

Acontece, no entanto, que o nosso trabalho de indagação rendeu apenas as escassas notas que enfeixamos neste modesto

opúsculo. São notas assim perfuntoriamente, sem pretensão de qualquer natureza.

Compilando, portanto, estes ligeiros apontamentos, nossa principal intenção foi servir.

Se conseguirmos atingir o nosso objetivo, colheremos os louros da missão cumprida.

**Nicodemos Araújo**

Araújo, 1980.

Perdida no areial imenso uma capelinha branca de torres esguias.

Capelinha poética de semblante ridente.

A alva areia fulgurando ao sol faz realçar mais ainda a igrejinha de neve, risonha e altaneira.

As brancas torres esguias apontando o azul puríssimo do céu.

Muito próximo o velho mar.

O velho mar que em tristes vozes profundas rola as ondas espumantes, entoando as nênias queixosas e os graves salmos de suas perpétuas litanias.

E pela nave deserta do templo de Deus reboam misteriosamente os cantos quais De Profundis e Laudamus de estranhas liturgias.

A fina espuma rendilhada das ondas que se quebram na praia se esgarça pelo ar num incenso leve em torno da graciosa igrejinha.

Cercam-na coqueiros farfalhantes e cujas frondes enfeitam pássaros multicores.

E cada copa é como um cantinho de palco numa noite de ópera de suntuosa festa de arte.

Gorjeios, chilros, modulos, trinados, pipilos. Uma orgia de sons deliciosos.

Retalhos de óperas de Schubert, Wagner, Chopin, Bach, Beethoven.

Prelúdios maravilhosos de árias incomparáveis.

Baladas, fugas, sonatas.

E, como alas de viagens em procissão, duas filas de casinhas brancas, ladeando a igrejinha alvacenta e alongando-se pelo areial adentro...

Isto era ALMOFALA.

**Dinorá Tomás Ramos**

(Do livro “Padre Antônio Tomás — Príncipe dos Poetas Cearenses”)

## A L M O F A L A

Aos carinhos gentis da viração marinha,
sob a concha do espaço imenso e cor de opala,
ei-la, modesta e alegre, a histórica Almofala,
na praia extensa e bela onde se fez rainha.

Toda branca e formosa, a velha capelinha
pelas antenas da fé ao espírito nos fala;
e como que postado ali para guardá-la,
o humilde casario em fileiras se alinha.

Bem perto o mar altivo estruge, e brame, e espuma...
As jangadas abrindo as velas, de uma a uma,
avançam no vai-vem cantante das marés.

E o brando farfalhar do coqueiral virente
às vezes vem trazer à lembrança da gente
o bizarro **Torém** dos bravos Tremembés.

A
Con. Francisco Sadoc de Araújo
Dr. Florival Alves Seraine
Dr. João Ribeiro Ramos
Dr. Francisco José Ferreira Gomes,

com sincera admiração.

# O TOPÔNIMO

Segundo os estudiosos da lexicografia, a palavra Almofala é portuguesa, de procedência árabe — **Al mohala** — que significa aldeola e lugar onde se mora durante algum tempo.

Esta versão é confirmada no "Lello Universal", de José e Edgar Lello, esclarecendo que referido vocábulo também quer dizer tapete sobre que se armavam camas; e também denominação pela qual é conhecida uma Freguesia do Conselho de Castelo (Guarda) e uma Freguesia do Conselho de Costa Daire (Viseu), ambas em Portugal.

O dicionarista Aurélio Buarque igualmente dá à Almofala o significado de acampamento, arraial, etc.

O Professor José Alcides Pinto também opina pela mesma definição: "Almofala, velho topônimo português, termo antiquado, que significa arraial. De origem árabe" — Acaraú — Biografia do Rio", pág. 81.

E o emérito escritor cearense Gustavo Barroso, em seu livro "A Margem da História do Ceará", 1.ª ed., pág. 111, afirma que "a voz tornou-se naturalmente comum na toponímia lusa, encontrando-se a designar lugarejos na freguesia de Alvorninho, São João do Monte, Penacova, Vila do Rei, Figueira de Castel Rodrigo e Mondim da Beira. Existem ainda Almofala de Cima e Almofala de Baixo, no Conselho de Figueiró dos Vinhos".

É ainda o saudoso escritor conterrâneo que informa que "no Brasil, o nome foi dado, em 1766, ao pequeno porto de pescadores de **Areocatirim**, ou melhor, **Aracati-mirim**, nas vizinhanças do Acaraú, no Ceará". E adianta que a partir daquele ano, a povoação passou a denominar-se "Nossa Senhora da Conceição de Almofala, para que perdesse o nome indígena".

Era o ódio implacável do todo-poderoso Marquês de Pombal aos padres da Companhia de Jesus, tentando implantar

no Brasil uma "legislação que pretendia apagar, sob topônimos lusos, a luminosa passagem evangelizadora dos Jesuítas".

Aliás, como é sabido, o tradicional povoado primitivamente teve o nome de **Aracati-mirim**. Mais de meio século depois, isto é, em 1763, passou a denominar-se "Nossa Senhora da Conceição dos Tremembés, e, no ano da graça de 1766, deram-lhe a denominação definitiva de "Nossa Senhora da Conceição de Almofala".

Pelo mesmo nome também é conhecida uma enseadazinha localizada à direita da foz do rio Aracati-mirim. Mesmo assim, consoante informações que nos foram prestadas, essa angra oferece acesso a embarcações de regular tonelagem.

O escritor Florival Seraine, que esteve em Almofala, estudando usos e costumes daquela gente, a começar pelos Tremembés, sobre os quais há escrito trabalhos de marcante importância, confirma: — O POVO de 07.09.80 — "Foi antiga aldeia dos índios Tremembés. Anteriormente, **Nossa Senhora da Conceição dos Tremembés**; de 1766 em diante passou a denominar-se **Nossa Senhora da Conceição de Almofala**".

"Não foi por deliberada escolha dos nativos, ou surgidas espontaneamente, que se registraram tais ocorrências onomásticas".

.....

"Registra-se essa palavra de sabor tão antigo, em vários pontos do mapa de Portugal", etc. "Também se aplica o topônimo à pequena enseada ou barra, na mesma região".

Há também o que se convencionou chamar "Pequena Almofala", que é a povoação propriamente dita, em seu perímetro urbano; e "Grande Almofala", que compreende a povoação acrescida de alguns centros populacionais circunjacentes.

Aliás, consta que no alvorar do século XVII uma expedição enviada por Martim Soares Moreno, desembarcou naquelas praias e deu àquele local o nome de **Almofala**.

ALMOFALA

## LOCALIZAÇÃO

A histórica povoação de Almofala, que pertence à jurisdição do município de Acaraú, do Estado do Ceará, está localizada à margem esquerda do rio Aracati-mirim, perto de sua foz e quinhentos metros distante do oceano. Dista 11 quilômetros da vila de Itarema, sede do distrito de igual nome, 35 quilômetros da cidade de Acaraú, sede do município, e 269 quilômetros de Fortaleza, Capital do Estado, via cidade de Acaraú.

Pela estrada carroçável Itarema-Nascente, a distância de Almofala a Fortaleza é apenas de 233 quilômetros.

## ZONAS CONCÊNTRICAS

Consoante informa Tomaz Pompeu Sobrinho, a localidade Almofala está dividida em três zonas concêntricas, que são as seguintes:

1.ª — "A mais externa — constituída das praias de areias, longas e brancas, baixas, inadequadas à vegetação. Em um ponto da praia, na desembocadura de um riacho, encontramos um sítio coberto de mangues. As areias da orla marítima, banhadas pela maré, são mais estéreis. Onde, porém, a vaga não alcança, o terreno é arenoso, excessivamente permeável, branco, com fulgurantes cintilações de luz nos dias caniculares, tem uma vegetação própria. É associação pasmófila, uma mistura de árvores, subárvores, arbustos e ervas xerófilas, porém sempre virentes".

2.ª — "A zona das dunas — Montes ou montanhas de areia silicada, feldspática, com fragmentos de calcário".

3.ª — A terceira zona, situada atrás das dunas, é a mais larga de todas. Compõe-se de tabuleiros de areia e argila terciária, com pouca fertilidade.

A leste da povoação, em uma pronunciada elevação do terreno, está encravada a linda capela quase três vezes secular, sobre a qual tratamos no quarto capítulo desta monografia.

Meio quilômetro ao norte estende-se uma das praias mais belas do litoral cearense.

## SUA ORIGEM — SUA MARCHA

"A sua origem se prende à Carta Régia de 8 de janeiro de 1697, determinando ao Governador do Maranhão que se dessem de sesmaria aos índios Tremembés todas as terras que lhes fossem necessárias, entre a barra do Aracati-mirim e o Timonha" — Renato Braga, "Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará".

"Duas ruas de casas de pobre aparência formavam o povoado" — Antônio Bezerra, "Notas de Viagem", ed. de 1965, pág. 397.

"Como um trecho do Éden, aquela risonha e sossegada nesga de terra, onde nunca soaram as fanfarras do progresso, nem os rumores da civilização; onde nunca lograram entrar os ouropeis do luxo, nem as ridículas estravagâncias da moda" — Pe. Antônio Tomás, "Almofala".

"A igreja vai desabar mesmo e a população continua pobre como antes". — Graça Magalhães.

"Nos nossos dias, a povoação estende-se, batida de vento, entre as dunas e os coqueiros, mas nenhum ministro de Deus lá habita ou sequer vai dizer missa, se não de longe em longe" — Gustavo Barroso.

Na verdade, muito se tem escrito assim sobre aquela legendária povoação marítima acarauense, que um jornalista do O POVO denominou de "memória em agonia".

Hoje, no entanto, tudo está algo diferente. Como não podia deixar de acontecer, a população de Almofala já vai

procurando acompanhar a marcha do tempo. Embora com injustificável lentidão, as conquistas do progresso vão chegando àquela modesta comunidade. O número de casas residenciais tem aumentado; a localidade já está servida de energia pública e domiciliária, fornecida pela COELCE; já foram construídos ali modernos prédios para Escola Pública e Posto de Saúde ou Ambulatório. Segundo fomos informados, o povoado conta um aparelho de televisão para cada 16 residências, e está recebendo visita de dois ônibus diariamente.

O povo já se encontra relativamente desenvolvido, e não impera mais ali esta pobreza **franciscana** a que fazem alusão vários daqueles que têm escrito a respeito da antiga aldeia dos Tremembés.

## POVOADORES

Relativamente à procedência da gente que formou e veio povoando Almofala, afora os índios Tremembés, tem-se informação de que, entre os estrangeiros que, aí pela primeira metade do século XVIII, desembarcaram na costa acarauense e aqui fixaram residência, um bom número deles se instalou naquele famoso povoado e localidades adjacentes.

Francisco Ewerton afirma, com sua reconhecida autoridade no assunto, que "entre as ribeiras do Aracati-mirim, a cuja margem ocidental está situada Almofala, e do Acaraú, em que demora esta cidade, se estabeleceram diversos colonos portugueses, mais ou menos no meado do século XVIII".

"Notícia das Freguesias do Ceará, visitadas pelo Pe. José Almeida Machado, nos anos de 1805 e 1806, assim se refere àquela área:

— "Freguesia de N. S. da Conceição de Almofala. Abriu-se a Visita a 8 de junho de 1806; encerrou-se a 9 do mesmo mês. A antiga Missão dos Tremembés, situada nos limites da Freguesia de Almofala, fica à pancada do mar, ao sul da barra do Itapagipe (?); é habitada por poucos portugueses e índios da língua travada, chamados Tremembés", etc.

O advogado Gabriel José Arcanjo, radicado no Rio de Janeiro, filho de Almofala e estudioso de sua história, nos dá

ciência de que "Almofala foi crescendo, habitada por colonos portugueses e hespanhóis e por índios". E acrescenta: "Uma grande contribuição para o seu povoamento foi a criação do Porto dos Barcos, onde atracavam as embarcações que faziam o trânsito marítimo".

## POPULAÇÃO

No que concerne ao número da população de Almofala, estima-se presentemente em 1.500 habitantes. Todavia, de acordo com a informação do professor Luiz de Gonzaga Mendes Chaves, em seu meticuloso trabalho de pesquisas realizado aí pelos anos de 1964/65, a chamada "Grande Almofala", ou seja, a povoação acrescida de alguns núcleos populacionais existentes em suas cercanias, contava, então, também por estimativa, 2.300 almas, número que hoje deve está elevado a 3.000, presumivelmente. Mas para se ter uma idéia do número de habitantes daquelas áreas, basta dizer que, nas eleições de 15 de novembro de 1976, funcionaram naquela povoação três Seções Eleitorais, com um total de 818 eleitores inscritos.

## VISITAS QUE SE REPETEM

Numerosas entidades culturais e turísticas estão se interessando direta e progressivamente pelo vetusto povoado e sua capela histórica.

Estudiosos de sociologia e antropologia, vez por outra, estão visitando aquela povoação que, efetivamente, representa um marco notável na História do Ceará. Daí as visitas que se vêm repetindo com animadora freqüência, há vários anos.

Passamos a relacionar algumas dessas visitas:

— Escritor Gustavo Barroso, a serviço da revista "O Cruzeiro".
— Jornalista Raimundo Ayres, a serviço da revista "Manchete".
— Equipe da Universidade Federal do Ceará, chefiada pelo Prof. Luiz de Gonzaga Mendes Chaves que, durante dois anos, ali veio fazer pesquisas sobre a tradição, língua,

costumes e modo de viver daquela gente, desde os seus ancestrais.

— Jornalista Graça Magalhães, fazendo reportagem para O POVO, de Fortaleza.
— Escritor Florival Seraine, em estudos do folclore daquela localidade.
— Comissão da Empresa Cearense de Turismo, chefiada pelo escritor e poeta Francisco José Ferreira Gomes, um dos Diretores da EMCETUR.
— Padre João Mendes Lira, em viagem de estudos e pesquisas.
— Prof. Iracy Lemos, da Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro, em estudos.
— Comissão da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.
— Jornalista José Vilero, a serviço da imprensa de Fortaleza.
— Historiador Raimundo Girão, então titular da Secretaria de Cultura do Ceará.
— Representante do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
— Equipe de pesquisadores da Superintendência do Desenvolvimento da Pesca no Ceará.
— Escritor José Silva Novo, colhendo dados para seu livro "Almofala dos Tremembés".
— Repórteres do "Correio do Ceará", a serviço daquele jornal.
— Equipe de pesquisadores do Serviço Social da Indústria.
— Acadêmico Régis Frota Aragão, do Rio de Janeiro, em trabalho de filmagens.
— René Fonteles e Marcos Farias, reportagem para jornais de Fortaleza.
— Repórteres da revista "Sua Boa Estrela", de São Paulo, a serviço da mesma.
— Jornalista Lauro Ruiz de Andrade, em reportagem para a imprensa de Fortaleza.

E muitas caravanas culturais, especialmente de estabelecimentos de ensino, em estudos.

Entre os padres que têm visitado Almofala, afora os já citados, figuram: Dom Manoel Edmilson da Cruz, Bispo Auxiliar de Fortaleza, Con. F. Sadoc de Araújo, Mons. José Édson

Magalhães, Mons. Manfredo Tomás Ramos, Con. Egberto Andrade, Pe. Hélio Andrade, Pe. José Alves Saraiva, Pe. Manoel Valderi da Rocha, Pe. Benedito Walter Araújo e outros.

## ALMOFALA NA POESIA

Como é natural, diversos poetas têm escrito poemas sobre Almofala e sua lendária igrejinha. O inspirado bardo acarauense, Francisco José Ferreira Gomes, em seu apreciado livro "Menino da Barra", dedicou-lhe esta linda poesia:

"Perdida nas
areias
brancas
das
praias
do Atlântico Norte
dorme Almofala dos Tremembés".

.....

"Dorme com seu
Templo
branco
barroco
que
as
areias
alvas
da cor de suas paredes bisseculares
sepultaram
por quarenta longos anos".

.....

Dorme, Almofala dos Tremembés,
com a
tua Padroeira
vinda das terras do Reino
no ano de mil setecentos e doze".

.....

"Dorme, Almofala dos Tremembés,
ponto inicial de
civilização
da Ribeira do meu Acaraú".

Do professor-poeta José Alcides Pinto, "ser fantástico e total, que cura a nossa febre com as palavras sagradas do poema", são estas primorosas quadras:

"E para que o nativo
tivesse pouso certo,
foi construída uma igreja
no litoral deserto".

"Sobre a margem esquerda
do Aracati-mirim
próximo ao mar que cerca
e se acaba sem fim"

"Do rio tomou o nome
qual foi plantado ao pé
essa missão reduto
do índio Tremembé".

"Que logo se chamou
povoação de Almofala
com o destino de ser
lendária e legendária"

"A princípio a capela
de palha era coberta
com esteios de barro
e de taipa completa".

"Pouco tempo depois,
segundo a tradição,
foi levantada uma igreja
muito acima do chão".

"Certamente o mais belo
templo do Ceará
desde o século 18
outro assim não terá".

De outro docente-poeta, o professor José Silva Novo, são estes bonitos louvores rimados:

"Ó Almofala de meus ancestrais
Erma, perdida no areial das praias,
Como é solene o canto das sereias,
Como é gostoso o canto das jandaias"

.....

"A tua igrejinha em pedra tosca
É uma relíquia tão bem encravada
Que as dunas caminhantes a cobriram,
Mas depois a deixaram aí chantada".

.....

"Mas muito bem chantada à beira mar,
Olhando o mar azul-esverdeado
Com saudades dos tempos que se foram,
Com cheirinho cheiroso do passado".

## DILÚVIO DE AREIA

No 4.º capítulo desta monografia aludimos, com detalhes, ao tempo em que a areia traiçoeira do medão, em "sua marcha vagarosa, sussurrante e implacável" engoliu a formosa igrejinha. Então muitas casas daquela povoação praieira foram também soterradas. Antes, porém, que a avalanche de terra silicada tomasse suas residências diversos pescadores foram arrancando o que podiam, para reconstruí-las em outras localidades distantes da "zona perigosa".

O professor Gonzaga informa que essa duna "fez seus habitantes transferirem a rua original de casas para outro local".

Nessa aflitiva situação, aquela gente laboriosa e boa debatia-se entre o pânico e o desespero. Seria a mão de Deus mergulhando aquele povoado em um oceano de areia, como fizera, com todo o orbe terráquio, em águas pluviais, no tempo do dilúvio. A diferença é que faltava ali um Noé com sua barca, para salvar ao menos algumas famílias, do cataclisma que se

abatera sobre a comunidade, a qual não tinha nem teria condições de dar combate a um inimigo tão poderoso e tão singular, como essa sinistra montanha de areia movediça.

## O PORTO DE TORRÕES

O rio Aracati-mirim, anteriormente, tinha sua desembocadura na enseada chamada "Pequena Almofala". Entretanto, com o defluir do tempo, uma dessas "dunas itinerantes" mudou seu leito original para a praia de "Torrões". Em conseqüência, abriu-se ali um novo porto que oferece acesso a embarcações de bom calado, superando mesmo as possibilidades do velho porto de Almofala.

Desta maneira, em "Torrões" estão dando entrada as embarcações maiores pertencentes aos industriais de pesca daquela área, enquanto os barcos de menor porte operam no **ancoradouro** da "Grande Almofala".

## ALMOFALA ATUAL

Com alusão ao estado em que se encontra aquela anosa povoação marítima, de que falamos ligeiramente, ali estivemos recentemente algumas vezes, fazendo pesquisas para esta monografia; e constatamos, com tristeza, que a conservação das ruas e casas residenciais e de outros fins deixa muito a desejar. Há, com efeito, muita falta de gosto.

Não há dúvida de que aquele histórico povoado merece e precisa ser tratado com zelo e carinho. A população almofalense, gente morigerada e boa, está necessitando do chamado "espírito de bairrismo", de modo que a povoação — sua povoação — possa apresentar um aspecto urbanístico mais atraente. Muitos prédios carecem reforma; outros precisam de pintura nova, de maneira que os visitantes que ali chegarem possam ter uma boa impressão; uma impressão de que o povo está motivado e o lugar está progredindo; está se pondo em dia com a evolução que se vem registrando em quase todas as localidades desta Região do Baixo Acaraú, seja uma povoação propriamente dita, seja um modesto aglomerado humano.

As visitas de que acabamos de falar, poderão ser multiplicadas, com reais proveitos para a comunidade, pois Almofala já se encontra amplamente reconhecida como preciosidade histórica e atração turística. E há muita gente por aí querendo passear e conhecer estas coisas, acrescendo, ainda, que o dinheiro está relativamente fácil de se ganhar e de se gastar.

Não obstante isto, para incentivar e aumentar o número de visitantes, aquela prisca povoação carece de quatro providências essenciais:

1.ª — Que as estradas que lhe dão acesso sejam convenientemente melhoradas;

2.ª — que o amor da população almofalense à sua terra se manifeste através de atos concretos;

3.ª — que alguém dali tenha ambição de ganhar dinheiro;

4.ª — que apareça alguém provido de visão comercial mais avançada.

Sim, porque, para que seja preenchida uma grande lacuna que de há muito ali se faz sentir, é imprescindível que uma firma, um grupo comercial, etc., antes de qualquer outra medida, instale um restaurante-bar com sortimento e capacidade para atender a um número mais elevado de fregueses.

Mencionado empreendimento constituiria um eficiente estímulo para o aumento progressivo de visitantes, o que representaria, também, um rendosa fonte de lucros para os investidores.

Quanto à conservação das estradas, está claro que pertence ao poder público, às repartições especializadas. O zelo da povoação, no entanto, compete, em sua maior parcela, à população local. A ela cabe a obrigação, que deve ser cumprida com boa vontade e entusiasmo, de melhorar, promover e motivar a povoação, possibilitando à mesma ambiente e condições de receber as pessoas que ali vão, sejam passeantes, à procura de pontos de lazer; sejam turistas; sejam excursionistas de cultura, colhendo informes, efetuando pesquisas, etc.

Efetivamente, necessário se torna que o povo almofalense se conscientize de que a sua terra possui, sem contestação admissível, um marcante relevo histórico no Estado do Ceará e até fora dele.

## ACARAÚ E ALMOFALA

Com referência à ligação que sempre existiu entre a antiga Freguesia de Almofala e o município de Acaraú, dissemos, em trabalho editado pela Imprensa Oficial do Estado, em 1971, que aquela localidade representa como que a raiz da história desta unidade cearense. Justificando tal assertiva, diremos que a primeira vez que Almofala foi elevada à categoria de Freguesia, o foi 33 anos antes de ser criado o distrito de Acaraú e 66 antes da criação da Paróquia local.

Desde então Acaraú e Almofala estão vinculados, sobretudo pela velha rivalidade que havia, cada uma das partes lutanto para ser erigida em Freguesia eclesiástica.

E o saudoso autodidata patrício, Francisco Ewerton da Silva Lopes, profundo conhecedor da história desde município, fala assim: "A densidade de povoamento das terras acarauenses, se iniciou de sua extrema oriental para a ocidental, sendo Almofala o seu primeiro povoado, sede de Freguesia e da aldeia dos Tremembés".

## EXTENSÃO TERRITORIAL

Segundo o professor Luiz de Gonzaga Mendes Chaves — Revista de Ciências Sociais — "a comunidade está inserida numa área geográfica de cerca de 63 km2, a partir do mar". E adianta: "Temos assim a Grande Almofala correspondente a esse aldeamento, com vários núcleos de casas dispersas dentro dele".

Efetivamente, existem nas proximidades do velho povoado, vários **sítios** importantes, servidos de escolas públicas, alguns com fábricas de aguardente de cana-de-açúcar, máquinas acionadas a energia da COELCE, e onde moram numerosas famílias. Entre outros, relacionamos os seguintes: Torrões, Lameirão, Brejo, Barro Vermelho, Comum, Aningas e Panã.

E no centro de vasto cinturão verde, destaca-se a lendária povoação, com sua "capelinha poética de semblante ridente", na feliz definição da escritora e poetisa Dinorá Tomás Ramos.

A área do povoado propriamente dita, mede apenas 3 km2, aproximadamente.

## O MAR — A PRAIA — OS COQUEIROS

Bem perto é o oceano majestoso e murmulhante. São os "verdes mares bravios de minha terra natal" — imensurável campo de labutas do pescador afoito e confiante, pontilhado de velas enfunadas e brancas, semelhantes a enormes gaivotas, em vôos rasantes sobre a esteira verde das águas buliçosas. As ondas, às vezes se levantam, em vagalhões gigantescos, uivando e bramindo, como feras na ânsia de sair da jaula para a liberdade; outras vezes, quase serenas, rendilhadas de espuma lusidia, lembram sereias colossais, vestidas em maiôs de alvíssima cambraia, que vêm se deitar na areia movediça daquela praia vasta, pitoresca e fascinante.

Aqui e acolá destaca-se no solo arenoso o alvacento perfil das dunas, de onde, aos constantes embates do vento que sopra do mar, se desprende uma areia fina que, em aluviões, sobe pelo espaço, e, geralmente, ruma para o ocidente, sem distanciar-se da orla marítima.

E um pouquinho além salienta-se a riqueza agrícola que produz aquele solo permeável e fecundo.

É a prodigiosa exuberância vegetal que se manifesta nas plantas frutíferas ali cultivadas por um povo de agricultores pacatos e amigos do trabalho; um povo que sabe fazer de sua profissão a verdadeira razão de ser de sua existência. E sabe tirar da terra o que a terra tem para dar.

Dominando os outros espécimes da flora agrícola, elevam-se dezenas de milhares de coqueiros, na pujança de seu caule perenemente erguido para o céu, com suas palmas viridentes, sacudidas pelos alísios lembrando novos **Briaréus**, agitando no ar os braços cor de esmeralda.

"Coqueiros prestáveis,
Garçons gigantescos,
Com os ombros vergados de frutos,
Oferecendo refrescos", tal como disse o ilustrado sacerdote-poeta, Padre Osvaldo Chaves.

Os canaviais se ostentam pelos sítios, com seus pendões lourejantes, emprestando um novo colorido à paisagem e enriquecendo, ainda mais, aquelas paragens privilegiadas.

E, estendendo sobre o chão dadivoso um vasto tapete verde, feijoeiros, melancieiras, batateiras e outros, como que completam a opulência e a beleza da lavoura naquela praia tão rica e tão encantadora.

Para o encanto maior daquelas bonitas paragens, revoadas de passarinhos enfeitam o ambiente, pousando nas árvores ou cruzando o espaço imensamente azul, numa festa de cores e gorjeios.

## OCORRÊNCIAS

Diversas ocorrências interessantes se têm registrado na praia de Almofala, ao longo do tempo.

Por exemplo: Há vários anos decorridos, encostou naquela praia um peixe enorme, já em estado de decomposição, pelo que não pôde ser aproveitado.

Segundo fomos informados, esse peixe media cerca de dez metros de comprimento e pesava aproximadamente duas toneladas. Ninguém lhe reconheceu a espécie ou nome, porém julgam tratar-se de um cetáceo morto em alto mar.

Rolos do espinhaço desse monstro têm sido utilizados como assentos em casinhas da beiramar.

• • •

Muita gente conheceu Mestre Jerônimo, o afoito pescador cearense que, em sua jangada "Nossa Senhora da Assunção", realizou, com mais quatro companheiros, em 1959, a arrojada façanha que foi o **raid** Fortaleza-Rio de Janeiro. Pois bem: em homenagem ao seu heroismo, o saudoso Presidente Juscelino Kubitschek ofereceu-lhe um moderno barco de pesca denominado "Senhor do Bom Fim". Nesse barco Mestre Jerônimo veio pescar em águas acarauenses e, a 1 de janeiro de 1962, encalhou na costa de Almofala, de onde não mais pode retirá-lo.

Em junho de 1969, os industriais de pesca Hugo Martins dos Santos, Pedro Alves da Costa e Francisco Bonifácio de Sousa, capturaram, em **currais** de sua propriedade, na praia de Almofala, três grandes **aruanãs**, tendo cada uma, presa à pata dianteira, uma chapa de metal, com número, e inscrição em língua inglesa. É que esses interessantes espécimes da **Chelônia Mydas** procediam do Departamento de Biologia Marinha da Universidade de Flórida, em Jainsville, nos Estados Unidos, e andavam a passeio pela costa brasileira.

# OS TREMEMBÉS

## OS TREMEMBRÉS, ÍNDIOS TURBULENTOS

Consoante a palavra autorizada dos historiadores especializados, no ocaso do século XVII foram os índios Tremembés aldeados em local próximo de Camocim e na praia dos "Lençóis" — série de dunas brancas que se estendem do Golfo do Maranhão até a barra do rio Parnaíba.

Antônio Bezerra, Barão de Studart, Álvaro de Alencar e outros, são unânimes em asseverar este fato histórico.

O venerando missionário Pe. Antônio Vieira fala que "os **Tremembés** são aqueles Gentios que freqüentemente se nomeiam na rota da costa com o nome de **Alarves**" — "Revista do Instituto do Ceará", v. 91, pág. 187.

Já o Pe. Ivo d'Evreux denomina-os de **Canibaliers**, provavelmente achando que eles eram antropófagos. Assim fala também Pedro Theberge — "Esboço Histórico da Província do Ceará" — "eram valorosos guerreiros e praticavam a antropofagia, não obstante se aplicarem à cultura do milho e da mandioca".

Carlos Studart Filho, porém, parece dar tréguas a tais afirmativas, quando diz — "Revista do Instituto do Ceará", v. 81: "Informam escritores lusitanos, sempre interessados em deprimir os nativos, que, em 1674, alguns náufragos foram por eles devorados".

E, pelo menos, depois de aldeados pela Missão do Aracati-mirim, não consta que os Tremembés comessem carne humana.

Para seguros esclarecimentos sobre a existência vicissitudinária desses indígenas, data vênia, transcrevemos em seguida trechos do substancioso trabalho publicado em O CEARÁ, 3.ª edição, pelo mesmo eminente indianólogo Carlos Studart Filho:

"Extremando com os **Anacés**, para além do rio Mundaú, viviam os **Tremembés**, gentios que muito se distinguiram também por suas ações hostís aos brancos.

"Povo nômade, em perpétuo deslocamento, o território que senhoriavam ia até às margens do Parnaíba, segundo uns, ou até à foz do Itapicuru, segundo outros.

"Em profundidade, suas terras, abrangendo a vasta ribeira do Acaraú, chegavam à Serra Grande.

"Como variante desse topônimo, surgem as formas **Teremembés**, **Taramembés**, **Tramaambés**, etc.

.....

"Aldeados em fins do século XVII, pelos Jesuítas, perto de Camocim (Theberge) e nas praias Lençóis, Tutóia do Gentio, passaram, em 1702, para as margens do Aracati-mirim, no município de Acaraú. Foi, aí, seu primeiro missionário o Pe. José Borges de Novais, que, tendo iniciado os trabalhos apostólicos em 1702, faleceu a 2 de dezembro de 1721.

"Em 1749 a assistência religiosa a esses indígenas estava confiada a um sacerdote do hábito de S. Pedro. No ano seguinte, por solicitação de seu Capitão-Mor, Manoel Rodrigues Almeida, foram os **Tremembés** mandados transferir para a vila de Soure.

"Como sucedera por toda a parte, e em igual circunstância, os recém chegados não se adaptaram bem ao novo meio, fugindo uns para os tabuleiros do litoral e desertando outros para a vizinha Capitania do Maranhão.

"Dezessete anos mais tarde, em 1766, o Governador Borges da Fonseca, compadecido da triste existência que curtiam os **Tremembés**, desamparados de toda a assistência material e moral, vivendo como verdadeiros brutos, reuniu-os novamente na antiga missão à margem do Aracati-mirim. Deu-lhes um cabo da esquadra do presídio, de reconhecida capacidade e prudência, para os dirigir, e um soldado de boas letras, para que ensinasse os seus meninos a ler e escrever."

Sobre a índole turbulenta desses índios, que viviam de preferência à beira do mar, diz o biologista acarauense, José

Jarbas Studart Gurgel, que era "a mais poderosa tribo do Ceará, que punha em perigo os próprios navios que ali passavam de Portugal para o Maranhão".

E o historiador Paulino Nogueira sustenta que "os Tremembés eram hábeis nadadores; arremetiam a nado os tubarões, e com um pau agudo que lhes encaixavam na goela a dentro, os traziam à terra e tiravam deles os dentes para flexas".

Gustavo Barroso, citando Pompeu Sobrinho, fala que "eram esses índios exímios pescadores marinhos e de robusta constituição, perlongando em toscas jangadas as praias, sem delas nunca se afastarem; e que eram realmente temíveis".

É certo, também, que esses bugres nutriam manifesta aversão aos luso-brasileiros.

Tanto isto é verdade, que o Forte de Nossa Senhora do Rosário, construído por Jerônimo de Albuquerque, em 1613, na enseada de Jericoacoara, para possibilitar ou facilitar a conquista do Maranhão, foi, mais de uma vez, atacado por esses gentios brigões.

O escritor Raimundo Girão — "Pequena História do Ceará", 3.ª ed. — qualifica-os "valentes, corpulentos e temíveis, que não se deixavam domar facilmente".

E, em denúncia formulada a El-Rei de Portugal, em carta datada de abril de 1663, Ruy Vaz de Siqueira informou que um barco português se dirigia a Camocim, para abastecer-se de água, e os Tremembés apoderaram-se dele e mataram toda a sua tripulação.

Ainda é Pompeu Sobrinho que fala: "Lutaram tanto contra os lusos como contra os holandeses". E prossegue: "Da sua turbulência guardam os documentos coevos memória fiel. Em 1671, o Capitão-Mor do Ceará, Jorge Correia da Silva, mandou contra eles o Ajudante Francisco Martins. Em 1763, o Tenente Manoel Ferreira da Silva capitaneou outra expedição para acalmá-los e, graças ao missionário Frei Francisco de Sá, conseguiu um tratado de paz e aliança".

Um fator que também contribuiu para serenar-lhes os ânimos, foi o gesto do Rei de Portugal que, a pedido do Pe.

Assenso Gago, por Carta Régia de 8 de janeiro de 1797, como já foi dito, mandou lhes dar as terras de sesmaria, entre a barra do Aracati-mirim e o Timonha, recomendando, ainda, que ninguém hostilizasse os índios.

O próprio nome de seu chefe — **Juripariguassu** — que no dialeto tapuia tem o significado de **Diabo Grande**, como que inspirava e sustentava o seu gênio revoltoso e a sua temibilidade.

O que é certo, é que depois de aldeados em Almofala, em convivência permanente com o Pe. José Borges de Novais e outros missionários que ali evangelizaram durante tantos anos, os Tremembés se tornaram pacíficos, assimilaram, com relativa facilidade, os ensinamentos desses homens de Deus, e se entregaram ao trabalho, naquela atraente praia acarauense.

É sabido, todavia, que até o primeiro quartel deste século, aqueles silvícolas formavam uma sociedade à parte; os padrinhos de seus filhos tinham que ser de sua raça; e os casamentos eram feitos entre si, isto é, os noivos tinham de pertencer à sua tribo.

Mesmo assim, no entanto, eles viviam em paz e amizade com o resto da comunidade, cooperando mesmo com ela toda vez que para isto eram convidados.

## SUAS ARMAS

Com alusão às armas usadas por esses índios, afora o arco, a flexa, a clava, etc., eles empregavam também o **machado-âncora**. Osvaldo de Oliveira Riedel — "Revista do Instituto do Ceará", v. 84 — informa que "os Tremembés tinham o hábito de, no primeiro dia do novilúnio, todos os meses, ficarem vigies a noite toda fazendo estes machados, não cessando enquanto não estivessem perfeitos. Alimentavam a superstição de que, levando tais machados à guerra, não seriam vencidos, antes arrebatariam aos inimigos a vitória. Enquanto faziam estes machados, as mulheres, moças e crianças ficavam de fora dos **oiupoés**, dançando e cantando sob a égide do crescente".

## UNIÃO DOS ÍNDIOS

Referindo-se à união e à solidariedade dos indígenas dentro de suas tribos, assegura a escritora Lúcia Magalhães — "Revista Brasileira de Cultura", n.º 19 — que "nenhuma cousa própria tem que não seja comum, e o que tem há de partir com os outros, principalmente se são cousas de comer, das quais nenhuma guardam para o outro dia; nem cuidam de entesourar riquezas".

Igualmente, segundo reza a tradição oral, os Tremembés de Almofala, não obstante sua inclinação hereditária para a desordem e para o motim, mantinham uma boa convivência no seio da maloca; reinava ali um autêntico exemplo de unidade fraterna. Terra, taba ou outros bens quaisquer pertenciam a todos em comum. Tal como afirma Von Martius: "esta idéia está clara e viva na alma no índio e ele compreende a propriedade comum como coisa inteiriça da qual porção alguma pode pertencer a um indivíduo só".

Profundamente religiosos, os Tremembés ajudavam sempre, com manifesta boa vontade, nos preparativos da festa anual de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira da legendária capelinha.

## A OBRA DOS MISSIONÁRIOS

A nova mentalidade que imperava entre os gentios, eram os frutos do trabalho árduo, persistente e admirável dos missionários, incutindo a luz da fé naqueles cérebros abtusos e broncos, e plantando no meio da tribo a semente benfazeja da harmonia e da fraternidade, na tarefa grandiosa e meritória de preparar brasileiros para formar um Brasil cada vez mais humano e mais cristão.

No desempenho de sua missão tão espinhosa quanto nobre, esses arautos do Cristo embrenhavam-se em nossas selvas e, graças ao seu espírito de renúncia, à sua coragem, à sua piedade e à sua cultura, de lá traziam para o convívio da civilização e para a vivência da fé, o índio brasileiro, libertando-o, assim, da mísera condição de animal selvagem em que vivia.

Sim, o trabalho portentoso dos Jesuitas, a quem nossa Pátria tanto deve.

"Eram eles que o verbo do Messias
Pregavam desde o vale às serranias;
Do Polo ao Equador", como disse Castro Alves, em seu empolgante poema.

## TERRAS DE TRABALHO

Atinentemente às terras onde viviam e trabalhavam os índios Tremembés (e outros habitantes de Almofala), já vimos como o Rei de Portugal determinou ao Governador do Maranhão tomasse as necessárias providências, no sentido de que as mesmas não lhes faltassem.

O genealogista Francisco Ewerton da Silva Lopes afirma que "as terras concedidas para esse aldeamento foram desmembradas, por Carta Régia de D. Maria I, da concessão feita relativa à Sesmaria do Riacho de Água-das-Velhas, ao Padre Felipe Pais Barreto, em 1735.

Na Relação de Sesmaria do Ceará, mandada organizar no Governo Plácido Castelo, encontramos — vol. 3.º, n.º 189 — o registro de uma Sesmaria de três léguas concedida, em data de 13 de janeiro de 1707, ao Pe. José Borges de Novais e seu irmão Alexandre Borges de Novais, e localizada entre os rios Aracati-mirim e Aracati-açu.

Mui provavelmente aqueles silvícolas trabalhavam também nessa gleba a sua rotineira lavoura de mandioca e milho.

E fala o escritor Carlos Studart Filho que "por volta de 1818 existiam ainda na Paróquia de N.S. da Conceição de Almofala índios dessa parentela que, pacificamente, se dedicavam à agricultura e à pesca."

Florival Seraine confirma: "Nos primeiros descênios do século passado ainda eram notados ali, a viver da agricultura".

E tudo indica que aquelas terras continuaram propícias à cultura da mandioca, cereais e outros produtos, porque, em sessão do Conselho do Governo da Província do Ceará, efetuada

a 22 de setembro de 1826, mesmo Conselho, tratando das causas que ainda obstaculavam os esforços até então envidados para civilizar e acomodar os selvagens, bem como de localidades apropriadas à melhor vivência das malocas, deliberou que "os índios da Villa Viçosa e Almofala ficarão residentes em suas respectivas Aldeias aonde tem bastante recurso para viverem" — Revista do Instituto do Ceará, v. 81.

Todavia, com o transcorrer do tempo, como era natural que acontecesse, aquela poderosa tribo foi se despersando e se extinguindo.

Em conseqüência, as terras que haviam sido dadas ao aldeamento, naquela histórica localidade, foram sendo ocupadas pela população local, que já as vinha cultivando juntamente com os aborígenes.

Aliás, informa o professor Luiz de Gonzaga Mendes Chaves, em trabalho publicado na "Revista de Ciências Sociais", v. I, n.º 1, que "até o início deste século quase todas as terras de Almofala não tinham praticamente posseiros individuais; eram exploradas sem noção de propriedade privada por índios e descendentes diretos de índios; aos poucos começaram a imigrar pessoas de fora, e, ao chegarem se apossavam de largos tratos de terras". E, de acordo ainda com o mesmo professor, as pessoas que ali vinham trabalhando mencionados terrenos, continuam neles apossadas, por direito de antigüidade, podendo, inclusive, transferi-los a outrem, por venda, permuta, doação, etc., operações que são efetuadas em cartório e cujos registros são plenamente válidos.

## DIVERSÕES DOS ÍNDIOS

Os indígenas, pelo menos os do Brasil, sempre gostaram de cantar e dançar.

Todas as tribos, desde as mais pacíficas até as mais ferozes, tinham predileção pela dança e pelo canto. Gostavam especialmente de fazer trejeitos e saracoteios com o corpo; a coreografia sempre foi a sua mais apetecida diversão.

Na verdade, até mesmo nas horas em que se preparavam para sacrificar um prisioneiro, eles o faziam com uma espécie de

ritual bárbaro, em que entrava a dança, ao toque do maracá.

Com alusão ao espírito divertido dos índios brasileiros, Pero Vaz de Caminha, citado por Caldeira Filho, na Revista Brasileira de Cultura, v. 19, em carta datada de 26 de abril de 1500, dirigida a El-Rei Dom Manoel, de Portugal, assim fala: "E depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina, e começaram a saltar e a dançar um pedaço".

Fernão Cardim informa: "Logo de pequeninos, ensinavam-lhes os pais a cantar e a bailar, e seus bailos não são diferenças de mudanças, mas um contínuo bater de pés". E adianta o Padre Manoel da Nóbrega: "Ensinavam-lhes jogos que usam lá os meninos do Reino, e tomaram-nos tão bem, e folgam tanto com eles, que parece que toda vida se criaram nisso".

Desta maneira, os folguedos nas tabas brasileiras começavam logo na meninice dos silvícolas e ali eram praticados em todas as idades.

Os Tremembés de Almofala tinham também suas diversões, suas danças; e a principal delas era o **Torém**, dança primitiva sobre a qual nos referimos no capítulo 6.º destes apontamentos.

## LENDAS

Como é sabido, a escultura da Virgem Aparecida, Padroeira do Brasil, que em 1717 foi encontrada por 3 pescadores, nas águas do Rio Paraíba, em São Paulo, é feita de cerâmica, de cor castanha escura, e mede 39 cm. Adelmar Tavares, em primorosa poesia, informa que um desses pescadores,

> "Em louca alegria se pôs a gritar:
> — Milagre! Milagre! Fazei vossos lanços,
> Que Nossa Senhora já me apareceu!"

Essa pequena imagem, que preside talvez o maior centro de romarias do mundo, no dia 4 de junho deste ano de 1980, o Santo Padre, Papa João Paulo II tomou em suas mãos e beijou,

reverentemente, perante 500.000 peregrinos reunidos na praça principal desta cidade privilegiada que é Aparecida do Norte.

Pois bem: uma das lendas que existia entre os Tremembés, e em que seus descendentes ainda acreditam, é que a imagem de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Almofala, também foi encontrada na praia, por uns índios daquela tribo, que estavam pescando, e que ficaram maravilhados. Um deles guardou a pequena escultura em sua oca, com cuidado e veneração.

No dia seguinte, porém, a santinha havia desaparecido. E depois de um dia de buscas, foram encontrá-la, de pé, na areia de Almofala, a meio quilômetro do mar. Nunca se soube quem ali a pusera.

Os índios viram na estranha ocorrência uma intervenção do Além; fizeram ali mesmo uma palhoça sobre a pequena imagem que passaram a venerar.

E quando o Pe. José Borges de Novais, auxiliado pelos mesmos indígenas, construiu, de taipa, a primeira capelinha, o fez no mesmo local onde a imagem fora achada, exatamente onde hoje se ergue o vetusto e pinturesco templo consagrado à Nossa Senhora da Conceição de Almofala, e tão freqüentemente visitado por gente de perto e gente de longe.

Todavia, há também quem diga que não se trata de história imaginária; que realmente a imagem vinha sendo trazida a bordo de um galeão espanhol, o qual naufragou à altura de Almofala. E que a idéia dos padres jesuítas de construir-se ali uma capela, nasceu, exatamente do fato de haver a santa sido encontrada entre os salvados do barco castelhano.

x x x

Uma das principais lendas daqueles gentios era a do **Guajará**, uma espécie de fantasma travesso. Aparecia sempre inopinadamente; ou mesmo nem aparecia; era apenas uma sombra. Aliás, dizem que ainda aparece.

O ilustre folclorista Florival Seraine acha que "o **Guajará** de Almofala apresenta certa semelhança com o **Saci** e com a

**Caipora**, duendes dos matos, o primeiro ocorrendo no Sul e a outra cearense, nordestina, apreciando-se, sobretudo, o espírito travesso, buliçoso, às vezes malévolo, que lhes orienta as atividades e os processos de assombramento".

O escritor e poeta José Alcides Pinto chama o **Guajará** de "ente mítico, fantástico, habitante dos mangues de Almofala e que se manifesta de várias maneiras: canta, assobia, imita o bode e outros animais, açoita os cães e também é chamado de pajé do rio".

O professor Silva Novo ouviu da macróbia tremembé Tia Chica, que "o **Guajará** mora nos mangues". E ela adiantou que certa ocasião estava pilando milho, quando sentiu a mão-de-pilão pesar-lhe entre as mãos. E uma sua neta, chamada em socorro da índia velha apavorada, viu uma sombra de um enorme pássaro. Tia Chica jurava que esse pássaro era o **Guajará**, em uma de suas costumeiras traquinagens.

x x x

Dizem que, por várias vezes, têm visto, naquela praia, a altas horas da noite, um navio gigantesco, feericamente iluminado, numa visão realmente impressionante e deslumbradora.

Entretanto, ao tentar aproximar-se alguém do navio fantasma, este desaparece misteriosamente, para, alguns minutos depois, reaparecer, já muito distante, em alto mar.

## REMANESCENTES DOS TREMEMBÉS

Conforme dissemos, a grande e temível tribo dos Tremembés, com o passar dos anos, como sói acontecer em toda a parte, foi-se extinguindo.

Aliás, nem por estimativa conseguimos saber qual o efetivo desses gentios em Almofala, quando foram aldeados naquela área.

Assegura o professor Silva Novo, em seu livro "Almofala dos Tremembés" que, quando ele esteve fazendo pesquisas sobre

esses índios, aí pelos anos de 1965, ainda existiam ali "mais de 300 descendentes daquela raça".

E a revista paulista "Sua Boa Estrela", que mandou fazer, em 1979, uma importante reportagem sobre as praias do Ceará, corrobora tal afirmativa, em seu n.º 68: — "Ainda vivem no pequeno povoado os descendentes dos Tremembés. Conservam, até o presente, parte da tradição; não se esqueceram de todo da língua e movimentam o corpo com danças ancestrais, como o **Torém**".

Sucede que pesquisas recentes dão conta de que, dos mais ou menos três milhões de índios que habitavam o Brasil, na época de seu descobrimento, em 1500, restam apenas 180 mil indivíduos que recebem orientação e assistência da Fundação Nacional do Índio — FUNAI.

Ainda do poeta Silva Novo são estas estrofes de sua bonita "Ode aos Tremembés":

"Os Tremembés, meus índios misteriosos
Das plagas de Almofala orgulhosos,
Onde dançavam mágico o Torém.
Meus Tremembés da terra acarauense,
De vós se orgulha o povo cearense,
Pois mais que vós pujança ninguém tem."

"A igreja que deixastes está intacta
Naquela aldeiazinha tão pacata
Onde a saudade apenas ali medra...
As montanhas de areia a perseguiram,
Mas mesmo assim jamais a destruíram,
Pois a fizestes linda, tosca em pedra."

"A herança cultural de vossa raça
Ainda hoje na Almofala traça
Vestígios do folclore verdadeiro,
E nós pesquisadores lá corremos
E sempre moradia por lá temos
Daquele povo bom e hospitaleiro

# A CAPELA

## A CAPELINHA DO PADRE NOVAIS

A tradicional igreja de Almofala, segundo "Cronologia Sobralense", do cônego F. Sadoc de Araújo, v. I, pág. 57, "começou a ser construída em 1702, ano em que o Padre José Borges de Novais veio ao Ceará Grande, como primeiro missionário dos índios Tremembés. A capela foi construída em honra de N. Sra. da Conceição, nascendo aí a povoação de Almofala e a Missão do Aracati-mirim".

Referido livro, pág. 65, informa que a igrejinha "foi a primeira capela construída nesta Ribeira".

O operoso sacerdote prosseguiu em seu trabalho de evangelização, mas somente dez anos depois, a 19 de outubro de 1712, procedeu ele a bênção e a inauguração do humilde templo, o qual consoante assevera a tradição, era feita de taipa e coberta de palha, de coqueiro, provavelmente.

Pelo menos foi essa data — XIX-X-XII — que o saudoso sacerdote-poeta acarauense, Padre Antônio Tomás, em 1892, viu numa "inscrição gravada na pedra de uma das portadas internas, perfeitamente visível".

## RECONSTRUÇÃO DA CAPELA

Presumivelmente, nove lustros mais tarde foi essa igrejinha reconstruída de alvenaria. Entretanto, parece que o arquiteto que a reedificou gravou, na portada mencionada pelo Pe. Antônio Tomás, não a data do término dessa reconstrução, mas o dia inaugural da primitiva capelinha de taipa do Padre Novais.

O arguto e paciente historiador Antônio Bezerra, que ali esteve em 1884, assim se expressa sobre o formoso templo setecentista — "Notas de Viagem", ed. de 1965, pág. 379:

"No meio do espaço compreendido entre as duas ruas, do lado leste, fica a igrejinha, um mimo de arquitetura, que a Rainha de Portugal, D. Maria I, mandou edificar, para os índios Tremembés. É diferente de todas que se encontram na Província, no gosto e na construção. Quem a visita não pode deixar de reconhecer em tudo o cunho das obras dos Jesuítas; sua perspectiva lembra os velhos templos de Portugal".

O desembargador Álvaro de Alencar, renomado historiador cearense, confirmando Antônio Bezerra, alude à Almofala e sua igreja da seguinte maneira:

"Ao lado fica a igrejinha, bela arquitetura que a Rainha D. Maria I, de Portugal, mandou edificar para os índios Tremembés. É diferente de todas as outras igrejas do Ceará" — "Dicionário Geográfico", ed. de 1939, pág. 16.

Todavia, não obstante essas afirmativas de que a linda capela de Nossa Senhora da Conceição de Almofala foi construída por determinação de d. Maria I, de Portugal, o Padre Antônio Tomás, autor de um substancioso e aprimorado estudo sobre aquela povoação e sua vetusta igrejinha, "inclina-se a aceitar a tradição legada por alguns velhos moradores do povoado, aos seus descendentes, de haver sido ela construída a expensas da Irmandade de N. S. da Conceição, anteriormente ali ereta sob os auspícios dos Padres que então dirigiram aquela missão". E prossegue: "Esta tradição é confirmada pelo Compromisso da referida Irmandade, em cujo capítulo XVI se lê o seguinte: "Esta Irmandade, como fundadora e administradora desta Igreja de N.S. da Conceição de Almofala", etc. E mais adiante: "Esta nossa Igreja tem até aqui servido de Freguesia da Povoação de Almofala, pelo oferecimento que a Irmandade fez quando se criou a Freguesia dos Índios, por ser a única que existia e existe no lugar".

O eminente historiógrafo, Pe. Serafim Leite — "História da Companhia de Jesus no Brasil", — vai mais adiante na contestação aos que dão à Rainha lusa como mandante da construção do antigo templo, sustentando que "em 1702 ainda não existia D. Maria I, que é filha de D. José, e que a igreja é diferente, pela fotografia que dela vimos, das obras dos Jesuítas".

Gustavo Barroso ratifica esta opinião: "A igreja de Almofala, levantada e mantida pela Irmandade de Nossa Senhora da Conceição", etc.

O professor Renato Braga — "Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará" — igualmente confirma esta assertiva. Adianta ele que "a capela do Padre José Borges de Novais, de taipe e coberta de palha, segundo a tradição, foi pouco tempo depois substituída por uma igreja de alvenaria, pequena e elegante, certamente o mais belo templo do Ceará do 18.º século. Grande parte dos materiais destinados à sua construção, vieram da Bahia, lastreando as embarcações que vinham carregar de carne-seca no porto de "Oficinas", no rio Acaraú. Daí seguiam em carros de bois para o local da obra. Tudo leva a crer que bahianos eram os operários especializados nela empregados, e de algum bahiano ou reinol radicado na Bahia o risco da igreja. A construção do templo se deve à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição dos Tremembés, em data que não é fácil precisar".

O poeta José Alcides Pinto corrobora:

"Mas se sabe contudo,
que seu material
veio da Bahia
por via naval.

E que aqui chegando
seguia depois
para o lugar da obra
em carros-de-bois".

Consta que o forro da capela, bem como o piso da nave central eram de cedro, vindo igualmente da Bahia.

Entre esses materiais figuram as telhas de 80 centímetros de comprimento, que se quebraram quase todas, quando o teto desmoronou, e os tijolos que ainda lá estão, pesando 8 a 9 quilos cada um.

Tomando-se por base a informação do saudoso historiador cearense, de que os materiais empregados na

edificação da igrajinha, foram transportados nos barcos que aqui vinham carregar de carne-seca, a mesma deve ter sido levantada na segunda metade do século XVII, porque a indústria das charqueadas, no município de Acaraú, teve início em 1745, e durou exatamente meia centúria, uma vez que foi extinta quando veio a chamada **seca-grande** — 1790-1793 — talvez a mais terrível calamidade climatérica que atingiu o Ceará, em todos os tempos.

Aludida seca dizimou os rebanhos, destruiu a lavoura, matou muita gente de fome, abalou profundamente a economia cearense e acabou, conseqüentemente, a indústria da carne-seca.

## EMPREITAS E RECIBOS

Para reforçar esta opinião, aí estão dois recibos firmados, um pelo pedreiro e carpinteiro José Lopes Barbalho e o outro pelo carpinteiro Francisco Roza. O primeiro, a 30 de abril de 1758, e o segundo, a 17 de agosto do mesmo ano.

José Lopes Barbalho, que faleceu em Caiçara (hoje Sobral), a 17 de julho de 1758, empreitou, com o Pe. Elias Pinto de Azevedo, construção de paredes, madeiramento, um corredor e o presbitério, por duzentos e sessenta mil réis. Está incluída nessa quantia o levantamento do arco da capela-mor, que ele empreitou com o capitão Inácio Luiz Coimbra, bem como a construção do cruzeiro, a porta principal e as janelas do coro, que empreitou com o tenente Francisco Coelho de Carvalho e Pe. Agostinho de Castro Moura. De todos esses trabalhos, José Lopes Barbalho passou apenas um recibo geral, em virtude de se achar então gravemente enfermo.

O carpinteiro João Roza empreitou com o Pe. Elias Pinto o feito do púlpito e algumas portas, por oitenta mil réis e um cavalo.

Para documentação, transcrevemos em seguida esses dois recibos, respigados da Coleção Studart, v. 6.º RIC, 9 (1895- 69-70).

## OS RECIBOS

"Certifico eu abaixo assinado que estando na freguesia do Ceará, fui chamado dos Irmãos de Nossa Sra. da Conceição do Tremembé, para efeito de lhes fazer a Igreja da dita Sra., a qual com eles ajustei tanto paredes como madeiramento com um corredor à roda, por preço de Duzentos e Sessenta mil réis, parte em animais e parte em dinheiro do contado, cujo pagamento me principiaram a fazer os Administradores da dita Irmandade e o Reverendo Elias Pinto de Azevedo me entregou o último pagamento, e por está pago e satisfeito, servirá esta quitação de paga. Juntamente certifico em como estou pago e satisfeito do Presbitério que o R. Pe. Elias Pinto de Azevedo à sua custa me mandou fazer, do Arco da Capela-mor que o Capitão Inácio e João Luiz Vieira comigo ajustaram, do Cruzeiro e portas Travessas que o Rev. Pe. Agostinho me encomendou, da porta principal e das janelas do coro que o Tenente Francisco Coelho de Carvalho e o Capitão Inácio João Coimbra comigo ajustaram, e para a todo tempo constar esta verdade e por estar em uma cama a morrer, já com todos os Sacramentos, e por esta causa não poder fazer esta no Livro das contas da dita Irmandade, como determinou o R. Visitador Frei Manoel de Jesus Maria, pedi e requeri a Manoel Gomes Carneiro esta por mim fizesse e assinasse como Testemunha junto com o R. Vigário da Vara, o Dr. Antônio de Carvalho Albuquerque. Caiçara, 30 de abril de 1758. José Lopes Barbalho, Antônio de Carvalho e Albuquerque, Manoel Gomes Carneiro".

x x x

"Certifico eu abaixo assinado que fiz as portas da Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Tremembés, por cujo feitio recebi cinquenta mil réis que me pagou o Rved. Luiz Fernandes de Carvalho, Missionário que então era da dita Aldeia e de como estou pago e satisfeito dos ditos cinquenta mil réis e de um cavalo que me deu o Revdo. Administrador Elias Pinto de Azevedo, este de quitação de paga cujas portas me mandou fazer o dito Revdo. Missionário, de madeira que tinha pronta para dita obra. Juntamente certifico em como estou pago e satisfeito das ditas

obras e não se dever delas mais nada e ter recebido os ditos trinta mil réis da mão do Revdo. Administrador Elias Pinto de Azevedo, pedi e roguei ao Tenente João Batista Verçosa este fizesse e assinasse com uma cruz, por eu não saber ler e nem escrever. Hoje 17 de agosto de 1758. + Francisco Roza".

O Capitão-mor Manoel Rodrigues Ribeiro da Costa supervisionou os trabalhos de construção empreitados, bem como o transporte dos respectivos materiais.

## REGISTRO DE SACRAMENTOS

Ninguém sabe, ou melhormente não conseguimos saber positivamente em que ano as autoridades eclesiásticas começaram a registrar os sacramentos realizados na vetusta capela de Almofala, cujo movimento era notável naqueles recuados tempos.

Entretanto, Dom José Tupinambá da Frota, em sua "História de Sobral", 1.ª edição, pág. 40, nos dá conhecimento de que "no livro de batisados e casamentos do Curato de Acaraú (1725-1730) já se fazia mensão da capela de Nossa Senhora da Conceição dos Tremembés".

Somente depois de 36 anos, ou seja, em 1766, foi criada a Freguesia de Almofala.

Todavia, durante esse período, todos os sacramentos realizados naquela histórica igreja, foram devidamente registrados nos livros competentes, conforme as determinações dos Visitadores do Curato da Ribeira do Acaraú.

## A IRMANDADE E SEUS VISITADORES

Havia em Almofala a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, como já vimos, que mantinha a linda capela bem cuidada e bem provida de alfaias e outros utensílios necessários à celebração das cerimônias do culto cristão.

E então aquele povoado era sempre visitado por sacerdotes para os trabalhos pastorais, graças ao prestígio e aos esforços da poderosa confraria mariana e ao zelo apostólico desses obreiros da fé.

A festa oficial da Padroeira era celebrada pontualmente todos os anos, com extraordinária afluência de fiéis. As novenas, segundo o Padre Antônio Tomás, "eram feitas por noitários", notando-se entre estes uma rivalidade construtiva que tornava o novenário ainda mais concorrido e atraente. Adianta o saudoso sacerdote-poeta, que "era um gosto ver os índios, em tempos de festa, sob a direção de seu chefe, umas vezes arrancando as ervas daninhas que cresciam ao redor da capela, outras varrendo cuidadosamente o adro, outras ainda adornando caprichosamente as portadas de arcos de palmas de coqueiros".

Os **Irmãos** que ingressavam na importante associação religiosa a que nos reportamos linhas atrás, cooperavam com elevadas contribuições em dinheiro e em gados, para o seu patrimônio. De tal modo que a Irmandade tornou-se proprietária de bons recursos econômicos. Possuía mesmo muitas fazendas de gado. Uma delas era situada no lugar então chamado "Tanque-de-Baixo", ao poente da hoje vila de Itarema, e que, por isso mesmo, tinha a denominação de "Fazenda".

Sucede que a Irmandade era freqüentemente inspecionada por Visitadores eclesiásticos que presidiam sessões e tomavam prestações de contas dos Administradores do patrimônio. Em nossas pesquisas sobre esses Visitadores, em seus trabalhos de ficalização da confraria, conseguimos anotar os seguintes nomes:

— Pe. Manoel Machado Freire — 1747
— Pe. Dr. José de Aranha — 1750
— Frei Manoel Jesus de Maria — 1753
— Pe. Luiz Fernandes da Cunha — 1757
— Pe. Veríssimo Rodrigues Rangel — 1760
— Pe. José de Almeida Machado — 1806

O esplendor do culto e a boa aparência da pinturesca igrejinha estavam assim garantidos pelo bom gosto e o zelo da sociedade mantenedora.

O nosso querido Pe. Antônio Tomás informa, todavia, que tempos depois a confraria entrou em declínio, "sendo em 1795 já bem pouco lisonjeiro o seu estado; pois na sessão realizada a 25

de outubro desse ano, a diretoria autorizou o administrador a vender diversas fazendas, visto não haver mais gados para as povoarem".

Provavelmente essa falta de gados nas fazendas era conseqüência da terrível **seca-grande**.

No ano da graça de 1830, alguns membros componentes da pia Irmandade ainda tentaram soerguê-la, com a reforma do compromisso social, procurando injetar um sopro de vida nova em seu combalido organismo. Entretanto, quase nada "aproveitou-lhes o remédio, vindo ela, alguns anos depois, a recair na sua antiga prostração, da qual não mais se ergueu até o seu completo aniquilamento".

Como não podia deixar de acontecer, o desaparecimento da nobre Irmandade redundou em prejuízo para a bela capelinha que era mantida às suas custas.

Durante os períodos de novembro de 1776 a setembro de 1782, e de setembro de 1838 a dezembro de 1842, a antiga capela esteve elevada à categoria de Igreja Matriz, suprida de seu respectivo Pároco. A partir de 1842, porém, voltou à condição de capela, passando a ser curada pelos Vigários da Freguesia de Acaraú.

Os tempos passaram em sua marcha que ninguém pode deter; e a vida da comunidade almofalense continuou, sem alteração de grande importância. Os fiéis prosseguiam realizando os atos do culto em sua querida igrejinha que ali elevava (e eleva ainda) para os céus a sua torre esguia e branca — almenara da fé cristã, apontando o caminho que Deus escolheu para os justos e para os bons.

Efetivamente, construído no belo estilo criado pelo famoso artista italiano Barromini — o **barroco** — mostrando em sua torre as curvas caprichosas do **rococó**, "de caráter mosárebe, adereçada de pináculos", o formoso templo era mesmo um primor arquitetônico, como o chamou Antônio Bezerra. Embelezando o altarzinho branco e afervorando a fé cristã entre os fiéis, ali estavam cinco imagens de fabricação portuguesa, esculpidas em madeira: Nossa Senhora da Conceição, com 88 cents., São José, com 78 cents., Nossa Senhora do Rosário, com

77 cents., São Miguel e São Benedito. Estas duas últimas, em 1953, foram levadas para o Museu Diocesano de Sobral, pelo Pe. José Palhano de Sabóia, então Secretário do Bispado.

## A DUNA INVASORA

Todavia, em 1897, a leste da capela, uma duna de enormes proporções começou a ser desmontada, pelos ventos marinhos, arremessando, de mansinho, para as casas vizinhas, uma areia fina que penetrava incessantemente, pelo teto, pelas frinchas das portas, por toda parte.

Em princípio do ano de 1898, quando o Padre Antônio Tomás, então Vigário da Paróquia de Acaraú, foi visitar aquela igrejinha, como bimestralmente o fazia, o morro em referência já tinha invadido algumas residências, e aproximava-se do templo.

O zeloso sacerdote apressou-se, então, em dar conhecimento do fato a Dom Joaquim José Vieira, então Bispo da Diocese do Ceará, adiantando que a integridade do prédio sagrado estava em sério perigo, e o problema se apresentava sem solução possível.

Na verdade, será sempre um ato de quase loucura o homem tentar impedir a ação da força cega dos elementos.

O Diocesano autorizou, então, ao Pároco de Acaraú, a mudar as imagens de Almofala para a capela de Nossa Senhora dos Navegantes, em "Tanque-do-Meio", hoje a bonita e progressista vila de Itarema.

Poucos meses depois, o Procurador da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Almofala, que ali ainda tinha alguns remanescentes, veio informar ao Vigário que uma parte do teto da prisca igrejinha havia desabado, ao peso da areia que começava a obstruir as naves.

Lauro Ruiz de Andrade, homem de imprensa, lamenta: "A imprevidência secular dos homens contribuiu para o abandono de uma relíquia histórica. Ninguém teve a iniciativa de deter a duna, o que seria fácil, plantando-se nela "orós" ou pinhão bravo, capim de burro, etc.".

O **ciume** (Asclepiadécea) também se adapta em terrenos de areia frouxa, onde viceja com facilidade, e que poderá ser plantado nas dunas, para evitar seu deslocamento muitas vezes prejudicial, como no caso de Almofala. E acresce que o ciume produz um pelo branco fino e sedoso, largamente empregado no recheio de colchas, almofadas, etc. E sempre obtém boa cotação no mercado.

## RETIRADA DAS IMAGENS

No dia 9 de outubro daquele memorável ano de 1898, estava o Padre Antônio Tomás em Almofala, disposto a executar uma tarefa bastante espinhosa, que consistia em retirar as imagens daquela povoação para a capela de "Tanque-do-Meio".

O ilustrado sacerdote-poeta, com a prudência que o caracterizava, conhecendo o quase fanatismo que aquele povo nutria pelos santos de sua querida igrejinha, havia mandado preparar o espírito dos fiéis, a fim de evitar qualquer reação capaz de dificultar o cumprimento das determinações do Sr. Bispo do Ceará.

A missão era muito e muito difícil; disto o Padre Antônio Tomás não tinha dúvidas. Todavia, tornava-se de urgente necessidade a sua execução, porque a situação em que a formosa igrejinha se achava já não comportava demora para esse trabalho.

Pois bem: em ali chegando, o zeloso ministro da Igreja encontrou as cinco imagens guardadas no Batistério, que era o único lugar da capela onde as areias ainda não tinham invadido.

Agora, deixemos que o próprio Padre Antônio Tomás narre, com sua maneira elegante e fácil de dizer as coisas, em todos os seus detalhes, as vicissitudes por que passou e as emoções e comoções que experimentou naquele dia 10 de outubro de 1898.

É um episódio de particular importância para quem deseja conhecer a história da povoação de Almofala, em todas as suas minudências.

Naquele dia, às quatro e meia horas da manhã, o ilustrado sacerdote acarauense celebrou missa, pela última vez, naquela capelinha, e cuja lembrança conservou na memória enquanto viveu.

Agora, fala o Padre Antônio Tomás:

— "O meu primeiro cuidado, ali chegando, foi visitar a igreja, encontrando uma das sacristias — a do lado da Epístola — já meio invadida pelas areias que, se escoando por um rombo no teto, vinha estender-se até a entrada que dava para a capela-mor. Uma espessa camada de pó cobria todo o pavimento, estendendo-se ao altar, já despojado dos seus ornamentos e de suas imagens".

"Estas haviam sido previamente recolhidas no batistério, o lugar mais abrigado da igreja e ao mesmo tempo o mais seguro. Os santos estavam ali debaixo de guarda; pois correra o boato de que pretendiam levá-los não sei para onde".

"Desejando celebrar ali ainda uma vez, rendendo assim a minha homenagem ao velho templo prestes a ser abandonado, talvez para sempre, resolvi fazê-lo pela madrugada, aproveitando o tempo em que o vento era mais brando".

"Mandei, pois, limpar mais ou menos toda a igreja, sobretudo a capela-mor, e preparar convenientemente o altar, sobre o qual foi reposta unicamente a imagem do Crucificado".

"Anunciada de véspera a minha intenção, a igreja encheu-se literalmente antes da hora aprasada, ficando ainda no adro uma compacta multidão que se ia avolumando cada vez mais; pois de toda a circunvizinhança afluia gente curiosa de ver a trasladação das imagens".

"As quatro e meia horas da manhã comecei a missa a que assistiram cerca de três mil pessoas".

"Não me lembra de ter visto, em toda a minha vida, uma multidão tão numerosa guardar tanta compostura, tanta imobilidade e silêncio como a que ali então se achava".

"O assombro que dominava aquela pobre gente, na iminência de ser privada dos seus santos protetores, longe dos quais se lhe afigurava impossível a vida, parecia havê-la petrificado".

"A reação porém veio depois, como adiante veremos".

"Ao Evangelho falei aos circunstantes, expondo-lhes o motivo de minha presença ali e suplicando o concurso de todos para o bom e fiel desempenho da triste missão de que me achava incumbido".

.....

"continuei a missa, e alguns momentos depois comecei a ouvir primeiro um murmúrio confuso que se elevava do meio do povo, depois como que gemidos, ais, soluços, e finalmente um concerto de altas vozes plangentes dominando todos os outros rumores".

"Concluída a missa, encaminhei-me ao local donde partia o estranho alarido, curioso de saber-lhe a causa".

"Nunca me há de esquecer o espetáculo a que, de alma confrangida e olhos rasos dágua, então presenciei".

"Ajoelhadas à porta do batistério, em frente às imagens escassamente iluminadas pelos vacilantes clarões de fumarentas lâmpadas de querosene, algumas mulheres, desfeitas em pranto, cantavam, ou antes gemiam um **bendito** à S.S. Virgem, composto de quadras singelas em que se despediam dela com os mais ternos adeuses e a que respondia em coro a multidão, batendo rijamente nos peitos".

"A esse canto, já de si repassado de indizível mágoa, vinham juntar-se os fundos suspiros de uns, as lamentosas exclamações de outros, os mal contidos soluços destas e as dolentes súplicas daquelas; formando tudo aquilo um grande coro angustioso, cujos ecos, reboando pela igreja afora, iam perder-se ao longe, no seio adormecido da floresta".

"Dominando a custo a comoção de que me sentia preso, dei ordens para que trouxessem os andores, já de antemão preparados para o transporte das imagens, e pedi aos meus auxiliares que ativassem a organização do préstito; pois convinha aproveitar a fresca da manhã para a extensa caminhada que tínhamos a percorrer".

"Estava eu ocupado em colocar um dos Santos sobre o andor, quando me vieram dizer que atrás do morro fronteiro, estava acampado um grupo de caboclos armados, aguardando

apenas ordens dos chefes, para virem obstar a saída das imagens. Indaguei logo quem eram esses chefes e mandei emissários pedir-lhes o obséquio de virem entender-se comigo. Não tardaram muito a aparecer. Recebi-os na porta principal da igreja. A circunstância de achar-me eu nessa ocasião revestido de sobrepeliz e estola, me fez lembrar as cerimônias de recepção oficial dos bispos, faltando ali apenas o hissope de água benta para completar a ficção".

"Eram dois cabras musculosos e mal-encarados. Um — o José Caboré — trigueiro e alto, de olhar insolente, nem ao menos se dignou de tirar o chapéo, grande chapéo de couro, de aba revirada na frente, deixando à mostra um cacho da cabeleira revolta. O outro — o Pedro Duro — o mais baixo, mais claro e menos arrogante que o seu companheiro, descobriu-se logo ao chegar".

"Vestiam ambos calças e camisa de algodão, e estavam armados de grossos cacetes dignos de respeito, e porventura agudos punhais, mais respeitáveis ainda".

"Chamando aos lábios um sorriso (cousa aliás bem difícil naquele momento) e adiantando-me para os dois, perguntei-lhes, no tom da maior familiaridade, os motivos por que se opunham à retirada das imagens. Então, medindo com o seu torvo olhar a exiguidade de minha pessoa, falou o Caboré, enquanto o outro ia aprovando, com leves inclinações de cabeça: — Saiba vossa senhoria, seu vigário, que as imagens não saem daqui porque não queremos; não consentimos que as levem para nenhuma parte e muito menos para o Tanque-do-Meio".

"Lembrei-lhe que as imagens iam para uma capela perto dali, onde eles poderiam facilmente visitá-las e prestar-lhes seus cultos".

.....

"A nada disto porém atenderam os dois teimosos contendores que se retiraram, asseverando antes que as imagens não sairiam dali nem á mão de Deus Padre".

"Perdida assim a esperança de convencê-los e resolvido por minha vez a levar a cabo a minha tarefa, chamei á fala o

subdelegado do termo — tenente Joaquim Martins dos Santos Filho — que então ali se achava, e, comunicando-lhe o ocorrido, cientifiquei-lhe da minha resolução e pedi se dignasse de tomar as providências que o caso exigia. Lembrei-lhe que o meio mais fácil de prevenir um conflito que me parecia iminente, seria efetuar a prisão dos dois chefes, antes que eles se fossem juntar ao bando de sequazes e exacerbar-lhes mais os ânimos".

"Concordou comigo o subdelegado; e enquanto combinávamos a melhor maneira de levar-se a efeito a prisão projetada, eis que uma mulher do povo — a Joana Camelo — entrando sorrateiramente na igreja, por uma das portas laterais, apoderou-se de uma das imagens e, abraçada a ela, correu desabaladamente em direção ao acampamento dos sediciosos".

"Essa imagem era uma escultura de madeira de 77 cm de altura, representando N. S. do Rosário".

"No meio do silêncio e estupefação geral produzido por aquele rasgo de audácia, bradei aos homens mais próximos a mim, que fossem rehaver a imagem roubada. Ninguém se moveu".

"Recomendei então que puzessem guarda ás outras imagens, e atirei-me sozinho ao encalço da fugitiva, entre vivos protestos e clamores e as instâncias, sobretudo das mulheres "que me não expuzesse a alguma desgraça".

"A breve trecho, vi-me ladeado por dois homens, os únicos que se decidiram a afrontar os riscos da tenebrosa empresa a que me abalançara".

.....

"Apenas alcancei a fugitiva, travei-lhe do braço e intimei-a a entregar-me a imagem. Ela resistiu desesperadamente á minha intimação, enquanto Caboré e Duro brandiam ameaçadoramente os cacetes e, numa espécie de fúria, a Maria Camelo, empunhando um tamanco, jurava quebrar a cara de quem se aproximasse. Consegui, entretanto, auxiliado por Miguel Monteiro, enquanto Cassiano, com uma das mãos atirava por terra a fúria do tamanco e com a outra, munida de um cacete, aparava as pancadas descarregadas por Caboré sobre Monteiro".

"Nesse interim, já alguns homens, refeitos do desânimo que pouco antes os acometera, vinham chegando em nossa defesa".

"Então fechou-se o tempo, como lá diz o povo em sua gíria, e nada mais se ouviu senão o estalar dos cacetes e o vozear clamoroso do mulherio alvoroçado que, correndo para o lugar do conflito, bradava desesperadamente pelos maridos, filhos e irmãos nele envolvidos".

"Enovelado eu também naquela onda revolta, procurava esforçadamente, mas debalde serenar os ânimos e fazer cessar a luta. Esta porém prolongou-se ainda por alguns minutos, vindo a terminar pela debandada dos sediciosos e captura de dois dos mais rebeldes, que, de mãos atadas, foram levados à presença do subdelegado".

"Chamava-se um deles João Reinaldo; o outro era o Pedro Duro que trazia uma brecha na cabeça e diversas contusões pelo corpo, desmentindo assim a sua alcunha, ao passo que o Caboré, confirmando admirávelmente a sua, tinha mais que depressa "voado".

"Era de ver-se a humildade e o arrependimento que manifestavam".

"Compadecido deles, consegui que se lhes desse liberdade para irem tratar de suas feridas; e convencido de que havia cessado o perigo, de nova oposição à saída das imagens, dei logo ordens para se concluírem os preparativos para a marcha".

"Momentos depois, aquelas disputadas relíquias — cinco velhas e grosseiras imagens representando Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário, S. José, S. Miguel Arcanjo e S. Benedito, acompanhadas por quase todo o povo que aí se achava, seguiam processionalmente para a Capela de Tanque do Meio, onde chegamos antes do meio dia".

.....

"A tarde desse mesmo dia — 10 de outubro de 1898 — com o espírito ainda aturdido pelas várias comoções experimentadas, regressei ao Acaraú, onde uma alma prestes a abandonar a terra reclamava urgentemente a minha presença".

.....

"Volvidos mais alguns anos, quando desfeitas as suas ruínas, foram sepultadas pelos morros que a circundam, custar-se-á a crer que ali demorou uma florescente povoação e existiu uma formosa igreja servindo de sede a paróquia constituida por seus numerosos habitantes".

"E ninguém saberá mais dizer ao certo o lugar onde foi Almofala".

Assim prenunciou o nosso Padre Antônio Tomás.

É que o inolvidável sacerdote acarauense não acreditava na espantosa ressurreição do povoado e de sua legendária capela.

Cria, sim, e com muita razão, afirmamos nós, que a duna descomunal sepultaria para sempre a modesta povoação praiana com sua pinturesca igrejinha setecentista que constituia o orgulho e a alegria daquela gente.

## A CAPELA SOTERRADA

Efetivamente, a natureza prosseguiu em sua sinistra empreitada; aos açoites do alísio vigoroso, persistente, inexorável, aluviões de areia salina, dia e noite, iam caindo sobre a capela e sobre o povoado, com força de catástrofe, com aparato de fatalidade, lançando a tristeza, o assombro e o desalento sobre a comunidade indefesa. E aquele pugilo de cristãos humildes e bons, acompanhou, desolado e compungido, a agonia de sua querida capela que, pouco a pouco, ia submergindo naquele oceano de areia tangida ao impulso implacável dos ventos marinhos. O povo estava realmente assombrado, porque aquilo era, de fato, uma calamidade abracadabrante, pavorosa e humanamente inevitável.

E dentro de pouco tempo, várias casas haviam sido soterradas; e da artística igrejinha restava de fora apenas "a cruz de ferro da torre sineira, como espetada no cocuruto da duna vencedora", disse Gustavo Barroso. E como que pedindo aos céus a exumação do templo sagrado, dizemos nós.

O culto e exímio poeta acarauense Rodrigues de Andrade, que visitou Almofala naquela época, publicou no "Jornal do Ceará", em 1907, estes magníficos sonetos:

**I**

"Em frente à igreja de antiquado estilo,
Mas de elegante e sólida fachada,
os casebres se alinham de um pugilo
De Tremembés e gente mestiçada.

Esgalha em torno a víride ramada
Do cajueiral, farto e seguro asilo
Das aves quando a ventania irada
No coqueiral desfere alto sibilo.

Perto um regato múrmuro colêa,
Longe um lençol de movediça areia
Que o mar sacode, caminhando vem.

Ali, na sombra da ramagem fresca,
Vive esta gente aos réditos da pesca,
Feliz no Samba e ás árias do **Torém**".

**II**

"Soluça o mar embravecido perto,
Jogando a areia que raivoso arranca
Do rio, o mar tão calmo outrora; certo
Algum pesar o coração lhe tranca.

E o vento insufla tanto a areia branca,
Que hoje esta praia é inóspito deserto
Onde o viajante nem a sede estanca;
Agora tudo desse areial coberto.

Somem a aldeia, o coqueiral, a igreja,
(E há quem no fato algum milagre veja)
Pois tudo acaba mas a igreja não;

Que a duna passa, o vento escava a ogiva
E a torre exsurge para os céus altiva,
Como estranho sinal de exclamação".

A vida para aquela desventurada gente foi decorrendo, então, entre a angústia e a desesperança. O futuro se lhe apresentava escuro e funesto.

Mas, apesar daquela deplorável situação, ao que nos consta, nenhuma família dali se retirou definitivamente. Aqueles que fugiram "para longínquas paragens, à cata de novos abrigos", como disse o Padre Antônio Tomás, vez por outra ali voltavam, trazidos pela saudade, para rever o querido local onde acontecera a mais estranha tragédia geológica de que há memória nos anais da terra brasileira.

O amor do povo almofalense ao seu torrão nativo foi mais forte do que a incerteza daquele aziago porvir.

## O MILAGRE 45 ANOS DEPOIS

Entretanto, em 1941, a duna começou a ser retirada do povoado e da vetusta capela, em rumo do Oeste.

Tão sorrateira e insistente como viera, a areia fina e salgada ia deixando a localidade onde permanecera por mais de quatro decênios, ao sopro constante das correntes eólicas.

Está claro que ninguém poderá descrever o contentamento que encheu e fez transbordar o coração daquela gente boa, simples e, sobre tudo, perseverante.

Havia muita gente que rezava alto, chorando de alegria, ao ver a areia subir, em rodopios, tomando novos rumos, ao sabor do vento.

E, como por um prodígio do Céu, decorridos 45 anos, isto é, no ano da graça de 1943, o grande morro arenoso dali havia se mudado, impelido pelo mesmo vento que o trouxera, obedecendo "a lei misteriosa e caprichosa que rege a marcha das areias no litoral cearense", tal como afirmou Gustavo Barroso.

A histórica igrejinha ali estava, firme e bela, porque sua sólida estrutura resistira admiravelmente à ação do tempo e ao peso da areia praieira que a sepultara durante nove lustros.

Apenas o que era de madeira se tinha estragado e o que era de ferro havia sido comido pela ferrugem. O velho sino de

bronze, depois de quase meio século de silêncio forçado, voltou a fazer ouvir sua voz solene e grave, chamando os fiéis para as cerimônias do culto cristão. Ao mesmo tempo as casas que tinham sido soterradas começavam a ser restauradas.

Logo no dia 24 de janeiro de 1943 ali esteve o saudoso Pe. Sabino de Lima, então Pároco de Acaraú, oportunidade em que celebrou missa no adro da capela e conclamou o povo ali reunido, para um esforço conjugado, no sentido de que, sem perca de tempo, fosse recuperado o formoso templo.

## RECUPERAÇÃO DA IGREJA

A partir daquele dia, um crescido número de almofalenses, esforçados amigos de sua terra e de sua capela, partiu para um grande trabalho de restauração da igrejinha, "testemunha muda dos séculos", no dizer do jornalista René Fonteles.

Comissões foram organizadas, entre senhores e senhoras, visando a um amplo programa de aquisição de recursos para custear as despesas que se faziam necessárias. Leilões, quermesses, listas populares, tudo foi posto em prática. E dentro de dois anos a pitoresca igreja estava quase refeita dos enormes danos que havia sofrido.

Num louvável testemunho do quando é capaz de realizar uma comunidade unida para uma obra meritória, aqueles operosos almofalenses começaram por esvasiar o templo do resto de areia que ainda se acumulava em suas naves; daí passaram ao madeiramento e coberta do teto. Portas foram colocadas, o coro foi reconstruído; e no adro foi erguido um belo cruzeiro, enquanto as paredes iam sendo revestidas de reboco.

"A igrejinha branca, de semblante ridente" preparava-se para receber de retorno as sagradas imagens que lhe haviam deixado a 10 de outubro de 1898.

Em verdade, no dia 22 de janeiro de 1944 essas relíquias dos fiéis de Almofala foram transportadas, em procissão, da capela de Itarema para sua igrejinha ali na praia almofalense. Dirigiram o festivo cortejo religioso os piedosos missionários franciscanos Frei Jerônimo e Frei Evaldo, acompanhados por mais de três mil pessoas, entoando hinos sacros.

Foi um dia memorável para a comunidade de Almofala. E era muito justo o regozijo daquele povo tão amigo de sua capelinha e de seus santos.

E a campanha continuou um tanto difícil, porque havia contas a pagar e a população, em sua quase totalidade, era composta de gente pobre.

De tal maneira que somente em 1947 os promotores deram sua louvável tarefa por encerrada.

## FESTA DE AÇÃO DE GRAÇAS

Então o povo de Almofala houve por bem mandar celebrar uma festa de ação de graças, em honra de Nossa Senhora da Conceição, para comemorar condignamente o feliz acontecimento histórico-religioso que tão justas alegrias trouxe àquela comunidade.

O jornal "O Estado", de Fortaleza, em sua edição de 30 de julho de 1947, publicou a circular-convite que transcrevemos a seguir, como documentação para o povo almofalense:

"A Comissão encarregada da Capela de Almofala tem o prazer de comunicar a V. S. e Família que em Agosto próximo se realizará a Festa de N. Senhora, na Capela, a terminar em data de 15 do mês citado."

"Motivo, portanto, de grande satisfação para todo o povo de nossa localidade, a solenidade em apreço representa para nós o mais importante acontecimento do ano em curso".

"Jubilosa de poder, deste modo, proporcionar aos fiéis de Almofala mais uma ocasião de felicidade, pela aproximação à Igreja de Deus, pela assistência aos ofícios da nossa santa Religião e pelo cumprimento cabal de seus deveres religiosos, a Comissão toma a liberdade de solicitar aos mesmos fiéis o comparecimento ás missas e atos da solenidade, pedindo-lhes, também, a generosidade de um donativo, para cobrir as despesas que a festa requer.

A Comissão Encarregada:
Flávio Filomeno Ferreira Gomes
Antero Rufino de Sousa
Francisco Antônio de Sousa
Joaquim Rufino de Sousa".

Mencionada festa teve como oficiante o Pe. Sabino de Lima, então Pároco de Acaraú, e decorreu com extraordinário brilhantismo, sobretudo pela numerosa assistência de fiéis, não só de Almofala, como também de Itarema, de Acaraú e de alguns municípios vizinhos.

E a capela de Almofala continuou a ser curada pelos Vigários da Paróquia de Acaraú, até 1953, passando, em 1954, a pertencer à Paróquia de Itarema e, conseqüentemente, entregue à responsabilidade de seu respectivo Pároco, o Padre Aristides Andrade Sales.

A igreja ali está — augusta e serena atalaia da Religião de Cristo — de frente para o Oeste, quando ao nosso entender, melhor seria se a houvessem colocado de frente para o Norte, olhando para o mar.

São as seguintes as dimensões da anosa capela: Frente: 14 m. Fundo: 10 m. Norte: 14,70 m. Sul: 22,70 m. Área construída e coberta: 224,40 m2. A torre mede 16 m de altura. A Sacristia é 8 metros mais estreita do que o corpo da capela. Parece ter sido construída algum tempo depois da edificação da igreja, formando, assim, uma escrescência.

É de conveniência que a chave da capela esteja em poder de uma pessoa que conheça a história de Almofala, em todos os seus detalhes, para informar aos visitantes interessados em conhecê-la. Isto será muito bom, porque também constitui uma facilidade para aqueles que ali vão como turistas e como estudiosos.

Mais do que o povoado, a igrejinha precisa e merece os cuidados da população almofalense.

Faz-se mister, imprescindível mesmo, que, entre outras promoções, se forme um grupo de senhoras, a fazer leilões, bingos, quermesses, etc. em benefício do precioso templo; que

realizem visitas às cidades vizinhas, angariando donativos com suficiência, para melhorar a célebre capela; ela que constitui um monumento de indiscutível valor histórico e turístico, não só para Acaraú, mas também para o Ceará e até para o Brasil.

A Festa de N. S. da Conceição, sua Padroeira, deve ser feita todos os anos, com o brilhantismo de antigamente. Será uma promoção marcante, não somente para o afervoramento da fé cristã, entre os fiéis, mas também porque criará oportunidade de maior número de visitantes.

Tal como já afirmamos, preciso se faz que a povoação de Almofala, pela iniciativa e pela força de vontade de sua gente, rompa com o marasmo que está obstaculando a sua marcha para a frente; que reaja contra a indiferença que está tolhendo o seu desenvolvimento e a sua evolução, em detrimento até do interesse de outras gentes pela sua linda capela, que representa uma autêntica raridade.

Sim, porque essa famosa igrejinha — assegura o historiador Gustavo Barroso — "é um dos raros documentos arquiteturiais que possuímos das antigas missões jesuísticas no Norte do País. E é na história o único exemplo duma igreja perdida na areia e salva, cincoenta anos depois, pelo capricho da própria areia".

Não obstante tudo isto, necessário se faz que tenhamos em mente que aquela capelinha deve ser também considerada a casa de Deus, a casa dos cristãos, onde estes assistam missas com regularidade; onde a comunidade realize seus atos religiosos. Afinal, com este objetivo precípuo foi ela edificada há 278 anos.

Confirmando a importância da lendária igreja dos Tremembés, quando, em 1972, o Ministério de Planejamento e Coordenação Geral, por intermédio da Fundação IBGE, mandou editar uma monografia do município de Acaraú, para distribuição em todo o território brasileiro, a capa dessa publicação oficial foi ilustrada com um desenho, a cores, da capela de Almofala.

E, mencionada monografia — pág. 16 — assim alude ao pinturesco templo setecentista: — "Capela de Almofala — na

praia do mesmo nome, no distrito de Itarema, é consagrada à Nossa Senhora da Conceição. Construída em 1702, a mando de Dona Maria I, de Portugal, e soterrada, pelas dunas, durante 42 anos, constitui relíquia histórica e curiosidade turística digna de atenção."

Em data de 12 de janeiro de 1979, o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional fez inscrever em seu Livro de Tombos "a Igreja de N. S. da Conceição, com todo o seu recheio em Almofala". Por tal razão, a antiga igrejinha passou, então, à categoria de Monumento Nacional. E, em notificação datada de 16 do mesmo mês, a direção do referido Patrimônio Histórico cientificou ao Exmo. Sr. Bispo de Sobral, D. Valfrido Teixeira Vieira, de acordo com o Decreto-Lei n.º 25, de 30 de novembro de 1937.

No "I Plano Integrado de Desenvolvimento Turístico do Estado do Ceará" — pág. 84 — mandado editar recentemente, pelo IPLANCE, órgão da Secretaria de Planejamento e Coordenação, informa-se que "a Igreja de N. S. da Conceição de Almofala, parcialmente recuperada pela população da aldeia, hoje evidencia a perda irreparável de elementos interiores". E adianta: "Trata-se da obra de aparência barroca mais definida do Ceará".

Em resposta a um seu ofício ao Governador Virgílio Távora, o Vereador Antônio Raimundo de Araújo Neto recebeu expediente datado de 12 de julho de 1979, do dr. Manoel Eduardo Pinheiro Campos, titular da Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, comunicando que o arquiteto Francisco Augusto Sales Veloso, Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico da mesma Secretaria, visitaria mesma a capela, para as providências cabíveis.

O escritor Lauro Ruiz de Andrade, em notável reportagem para o jornal O POVO, de 3 de fevereiro de 1980, alerta que "urgente se torna a abertura de um crédito para custear os reparos reclamados pelo Zelador da igreja histórica, atualmente em via de deteriorização na sua parte externa". E prossegue: "Aqui fica o apelo aos senhores responsáveis pelo Patrimônio Histórico: a Igreja de Almofala está exigindo reforma", etc.

Dez dias depois, no mesmo jornal, o professor J. A. Liberal de Castro, Representante no Ceará do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, fez inserir uma carta ao jornalista Lauro Ruiz de Andrade, onde alinha os obstáculos que se lhe antolham ao desejo de fazer algo pela preservação da Igreja de Almofala.

Explica o ilustre professor que ante a legislação que rege a ação do IPHAN, "a situação das igrejas é singular, pois não são bens públicos. Em conseqüência, falta ao Instituto do Patrimônio Histórico verba expecífica para custear esse serviço".

Entretanto, justificando sua boa vontade, no sentido de salvar a vetusta capelinha do estado deplorável em que se encontra, informa o Representante do IPHAN: "Há pouco tempo conseguimos incluir a igreja de Almofala no rol dos Monumentos Nacionais". E, depois de outras considerações, conclui: "Contudo, poderia ser tentado um último esforço. Especialmente em favor da igreja de Almofala. Necessita-se, entretanto, pelo menos de um pouco de dinheiro e de acesso menos precário".

Destarte, a solução do problema não parece tão difícil; basta apenas um pouco de compreensão e boa vontade por parte "de quem de direito".

## A CAPELA ATUALMENTE

Em fins de 1979 e já neste ano de 1980, estivemos em visita à velha capelinha, encontrando-a, infelizmente, em lastimável estado de conservação. Na verdade, o formoso templo está carecendo, urgentemente, de reparos de monta, nas paredes, nas portas, na torre, no forro e no piso.

A igreja não tem calçadas laterais nem seu adro é pavimentado. Ali somente a areia branca e farta. As paredes, como a torre, estão visivelmente estragadas. O tablado do coro, bem como as janelas, está apodrecendo; aliás, todas as portas, pelo estado em que se acham, carecem substituição. A nave do lado esquerdo está ocupada com uma ruma de tijolos novos e uma outra de madeira velha. Na nave lado sul, encontramos duas malas velhas talvez

contendo alfaias comidas pelo cupim, um tapete antigo, um confessionário quebrado, um cofre de ferro embutido na parede, porém sem a tampa; ao lado, uma pia. Somente a nave principal, com piso de cimento, estava limpa, tendo ao centro uma mesinha coberta com uma toalha, e sobre esta uma pequenina escultura da Virgem Maria e dois jarros contendo flores de plástico. No altar um sacrário de ferro, modelo antigo, pintado de tinta prateada. E no alto da torre o velho sino de bronze, adquirido pelo Pe. Elias Pinto de Azevedo, e cuja voz, vezes alegre, vezes triste, há quase três centúrias chama os fiéis para os atos do culto e comunica aos almofalenses o desaparecimento daqueles que vão deixando este mundo para sempre.

As imagens de N. S. da Conceição, S. José e N. S. do Rosário estão guardadas em casa do sr. Francisco Tarcísio de Aguiar, que é um dos interessados pelo desenvolvimento da povoação.

# VIDA RELIGIOSA

## A EVANGELIZAÇÃO DO PADRE NOVAIS

A história religiosa de Almofala começou no alvorecer do século XVIII — 1702 — época em que o Padre José Borges de Novais aldeou os índios Tremembés naquele arraial marítimo, com a denominação de Missão do Aracati-mirim.

Naquelas "priscas eras que bem longe vão", o corajoso e abnegado missionário português realizou um notável trabalho de catequese, não somente entre os aborígenes, mas também entre todo o povo que então constituia a comunidade em formação.

No ano de 1721, falecendo o Padre Novais, assumiu o seu posto de luta o Padre Agostinho de Castro Moura, que ali residiu por muitos anos.

E esse serviço de evangelização foi continuado, com a mesma pertinácia e a mesma dedicação, por todos os sacerdotes que, posteriormente, vieram dirigir a Missão, no povoado nascente.

Era a tarefa gigantesca dos missionários na catequese dos silvícolas, em todos os quadrantes do território brasileiro.

Os anos defluíram como "grãos de areia passando pelo gargalo de uma ampulheta grega", e a luta apostólica prosseguiu; Almofala foi recebendo novos habitantes que nasciam e cresciam em sua população, e que vinham de outras paragens, atraídos, muitas vezes, pela piscosidade daquela praia e pela beleza encantadora daquele pedaço de Ceará.

## ALMOFALA ELEVADA A FREGUESIA

Em data de 12 de setembro de 1766, o Bispo de Pernambuco assinou a Provisão criando a Freguesia de Nossa

Senhora da Conceição de Almofala, desmembrada da Freguesia de Caiçara, nome pelo qual Sobral era conhecido naqueles recuados tempos.

Uma vez criada a Freguesia, o Pe. Agostinho de Castro Moura, embora já bastante avançado em anos, assumiu o cargo de Vigário-Preposto da nova unidade eclesiástica, até à posse do Pároco efetivo, Pe. Elias Pinto de Azevedo.

## EXTINÇÃO E RESTAURAÇÃO DA FREGUESIA

E o tempo continuou em sua marcha imperturbável, porém a 5 de setembro de 1832, o Tenente José Mariano de Albuquerque Cavalcante, então Presidente da Província do Ceará, firmou o Decreto Geral que criou a Freguesia de Acaraú. Em conseqüência, foi extinta a de Almofala, cujo território passou a integrar à nova Paróquia.

Acontece que naquela época a política partidária exercia uma influência decisiva sobre a vida da Igreja. De modo que, por ato de 10 de setembro de 1838, assinado pelo Presidente Manoel Felizardo de Sousa Melo, a Freguesia de Almofala foi restaurada, dentro de sua área anterior.

Sem perca de tempo foi nomeado o respectivo Vigário, cujo nome não conseguimos descobrir. No entanto, apenas quatro anos depois, a 5 de dezembro de 1842, o Brigadeiro José Joaquim Coelho, que naquele ano exercia a Presidência da Província do Ceará, sancionou a lei que aboliu o diploma legal que criara a Freguesia daquela povoação.

Como era natural que sucedesse, o povo almofalense ficou desolado com a perda de sua Freguesia, pela segunda vez. E, em 1844, seus moradores dirigiram um memorial ao Brigadeiro José Maria Silva Bitencourt, então Presidente da Província, pleiteando sua nova restauração.

Todavia, o processo foi enviado ao então Vigário de Acaraú, Pe. João Francisco Dias Nogueira, para fornecer as informações exigidas, sobre as condições da capela de Almofala.

Ora, a situação em que se achava, naquele tempo, a histórica igrejinha era precária, pois faltavam até alfaias e outros

materiais necessários à celebração do culto. Conseqüentemente, em face das informações dadas pelo Pe. Nogueira, aliás verdadeiras, o Governo da Província indeferiu o requerimento.

## VIGÁRIOS DE ALMOFALA

Relacionamos aqui, possivelmente em ordem cronológica, os nomes dos sacerdotes que exerceram o cargo de Vigário da Freguesia de Almofala, nos dois períodos em que aquela velha povoação esteve elevada a essa categoria, totalizando exatamente setenta anos.

— Pe. Agostinho de Castro Moura — Preposta
— Pe. Elias Pinto de Azevedo
— Pe. Francisco Xavier de Barros
— Pe. Francisco Moreira de Sousa — Interino
— Pe. Manoel da Cunha Linhares
— Pe. Bernardo Clemente da Cruz Oliveira
— Pe. Domingos Teixeira Alves de Abreu
— Pe. Luiz Martins dos Santos Araújo — Preposto
— Pe. Manoel Antônio dos Santos Braga, que foi seu último Vigário.

## OUTROS SACERDOTES

Além desses sacerdotes que ali desempenharam o munos paroquial, diversos outros padres estiveram em Almofala, em trabalhos apostólicos; uns de passagem, para celebrar sacramentos contratados; outros até residindo naquela antiga povoação praieira.

Isto até à segunda metade do século XIX. Conheçamos esses ministros da Religião cristã:

— Pe. Manoel dos Santos Araújo
— Pe. Isidoro Rodrigues Resplandes
— Pe. Félix de Azevedo Farias
— Pe. Luiz Fernandes de Carvalho
— Frei Jerônimo Jesús de Maria
— Pe. Francisco Antônio Ferreira, e outros.

## VISITAS PASTORAIS

No que alude a Visitas Pastorais ou Canônicas, Almofala sempre as recebeu, o que aliás muito servia para instruir os fiéis sobre a religião que professavam, pois os Visitadores, em regra geral, eram homens piedosos e oradores consagrados, conseguindo, por isto mesmo, fortificar sempre mais a fé nos corações daquela gente modesta, simples, mas possuidora de acrisolados sentimentos cristãos.

Damos em seguida uma relação dessas Visitas Pastorais:

— 26.11.1731 — Pe. Dr. Sebastião Vogado Souto Maior, que então realizou a primeira Visita Canônica ao Curato da Ribeira do Acaraú, começando pela povoação de Almofala. Acompanharam o Pe. Souto Maior os Pes. Agostinho de Castro Moura, Félix de Azevedo Farias e Frei Jerônimo Jesús de Maria, que auxiliaram nos trabalhos de evangelização.

— 13.12.1735 — Pe. Dr. Félix Machado Freire

— 13.04.1742 — Pe. Lino Gomes Correia

— 1747 — Cônego Antônio Pinto de Mendonça

— 1753 — O mesmo Cônego Antônio Pinto de Mendonça, em Visita Pastoral, acompanhado de vários sacerdotes.

Entretanto, com a extinção da Freguesia de Almofala, as Visitas Pastorais passaram a ser feitas à sede da Paróquia de Acaraú, e, algumas vezes, às capelas das vilas e povoações mais populosas.

Todavia, a 17 de julho de 1917, Dom José Tupinambá da Frota, 1.° Bispo da Diocese de Sobral, esteve em curta visita àquela histórica povoação.

Nos dias 12 a 16 de dezembro de 1945, houve Missões em Almofala, pregadas pelos Franciscanos Frei Romualdo, Frei Grigório e Frei Anastácio ofm. Entre os frutos espirituais colhidos por esses abnegados semeadores da Fé, foram ministradas 2.100 comunhões.

De 22 a 24 de setembro de 1954, Monsenhor José Osmar Carneiro, como Delegado de Dom José Tupinambá da Frota, também esteve na capela de Almofala, em Visita Pastoral, administrando o sacramento da Crisma. Foi ele acompanhado

pelos padres Sabino de Lima, Odécio Loiola Sampaio, Aristides Andrade Sales e Expedito Silveira de Sousa.

Com a criação da Diocese de Itapipoca, em julho de 1971 e sua instalação a 21 de novembro do mesmo ano, a Paróquia de Itarema passou a integrar a nova unidade episcopal, e com ela, a povoação de Almofala e sua vetusta igrejinha.

Em outubro de 1978, Dom Paulo Andrade Ponte, Bispo da Diocese de Itapipoca, efetuou sua primeira visita à capela de Almofala, porém não administrou o sacramento da Crisma.

# VIDA CULTURAL

## ESCOLAS E MESTRES

A vida cultural de Almofala tem muito pouco a registrar, não obstante a sua longevidade.

No que diz respeito à instrução popular, malgrado nosso paciente e minucioso trabalho de pesquisa, pouca coisa conseguimos compilar para esta monografia.

Certamente a instrução do povo, naquela localidade, teve início com a catequese dos missionários, porque o aprendizado das letras sempre constituiu uma grande preocupação desses operários do Evangelho. Junto ao catecismo estava sempre uma cartilha de primeiras letras.

Em 1766 o Governador Borges da Fonseca mandou a Almofala "um soldado de boas letras", para ensinar os indiozinhos dos Tremembés a ler e a escrever.

Em sessão ordinária realizada a 23 de dezembro de 1868, o Presidente da Câmara de Acaraú recebeu "uma petição de Antônio Rego Memória, Professor Público de instrução primária da Povoação de Almofala, requerendo pagamento da gratificação concedida por Lei, para aluguel da casa onde funciona sua Escola, a contar de Janeiro do ano passado ao último dia de novembro corrente".

O "**Sábio Cearense**" informa em suas "Notas de Viagens", ed. de 1965, pág. 368, que no ano em que esteve naquela povoação — 1884 — havia uma Escola Pública.

Ao longo dos anos, alguns Mestre-escolas ali desempenharam a nobre missão do magistério, plantando a semente da instrução entre as novas gerações daquela povoação, salientando-se Mestra Maria Angélica, que exerceu sua meritória profissão por cerca de três décadas.

Entretanto, "depois, muito depois", vamos encontrar o velho Mestre Francisco Ferreira do Nascimento, que marcou época, lecionando longo período de tempo em Almofala, já como Professor da Colônia, já como Professor Municipal e mesmo particular, por conta própria.

A professora Geralda Flora do Nascimento, ali posta pela Colônia de Pescadores, em 1939, exerceu o magistério até 1966.

Simultaneamente a professora diplomada Maria de Jesús Barbosa também lecionou naquela povoação durante os anos de 1945 a 1969, imprimindo um novo ritmo à instrução do povo.

Atualmente, Almofala conta com uma escola estadual, regida pela professora diplomada Maria do Socorro Alves, que funciona no prédio do Ambulatório da Colônia de Pesca.

Em 1966, o então Prefeito João Jaime Ferreira Gomes mandou construir, naquela localidade, um prédio escolar, com duas salas de aula e que foi inaugurado a 13 de junho de 1967. Desde então as escolas municipais ali vêm funcionando. No ano em curso lecionam nesse prédio as seguintes professoras: Maria Concebida do Nascimento, Maria Lúcia Gomes, Teresa Barros de Sousa, Maria Anita Bernardo de Oliveira, Maria Elisabete Freitas e Maria Alice dos Santos, com a matrícula total de 160 alunos de ambos os sexos.

Afora essas educadoras, existem ainda, gerindo Escolas Municipais, nas vizinhanças daquela povoação, as seguintes: Maria Ildefonso Silveira, Aldenora Majela Pessoa, Maria de Fátima Sousa Forte e Maria Doralice de Sousa.

Quanto ao MOBRAL, tem ele funcionado ali com três Postos, dirigidos pelas professoras Iracema Alaís Amorim, Maria Alice das Graças e Maria Iracilda dos Santos.

## O FOLCLORE EM ALMOFALA

O sociólogo Edson Carneiro diz que "o folclore representa a existência de todo um sistema do sentir, de pensar e de agir, que difere essencialmente do sistema erudito oficial, predominante nas sociedades do tipo oriental".

Lemos no "Anuário do Ceará" 78/79: — "O folclore cearense, como de resto o de todo o País, tem suas raízes fortemente assentadas na herança cultural que nos foi legada pelos indígenas".

Pois bem: os índios Tremembés, de Almofala, tinham seus folguedos preferidos, entre os quais se destaca o **Torém**, que era sua dança principal. Posteriormente vieram: A **Aranha**, **o São Gonçalo**, a **Cobra**, o **Reisado**, o **Côco**, que seus descendentes executam, e sobre os quais muito já se tem escrito, isto é, os estudiosos do assunto. Sustenta Raimundo Girão que "esses ameríndios "amavam as danças, tendo deixado vestígios de costumes coreográficos ainda hoje de certa forma mantidos pelos caboclos seus descendentes".

Todas essas danças constituem atraente entretenimento para aquele povo, e são, ainda, bem aplaudidas onde quer que sejam exibidas.

## O TORÉM — A ARANHA

Para conhecimento dos leitores, vamos copiar aqui a descrição do **Torém** — a dança oficial dos Tremembés — de que falamos no capítulo 3.º, descrição feita pelo Pe. Antônio Tomás, quando ele teve oportunidade de assisti-lo, há mais de um século.

— "Durante uma de minhas primeiras estadas na pitoresca povoação, fui convidado certo dia, por um amigo, para assistir o **Torém** — a diversão predileta dos índios. Espicaçado pela curiosidade, aceitei, logo o convite e, à noite, nos dirigimos para o sítio aprazado que era um amplo terreiro destacado, limpo e convenientemente preparado para o fim a que se destinava".

"Quando lá chegamos já havia muita gente, uns por curiosos, como eu e meu companheiro, outros que deviam tomar parte no folguedo".

"Veio colocar-se no centro da área um caboclo de meia idade, robusto e simpático, empunhando um maracá: era o diretor da função".

"Ao lado vía-se uma bacia de folha e uma chícara pousadas sobre um tamborete e debaixo deste um garrafão de aguardente".

"A bacia e o garrafão de cana, segundo me informaram, estavam ali em substituição à cuia e à cabaça de mocororó, a qual por sua vez tinha substituído ao pote de **cauim** usado primitivamente em semelhantes funções".

"Os sons vibrantes do maracá tangido repetidas vezes pela ágil dextra do "mestre sala", anunciaram que a festa ia principiar. Fiz-me logo todo olhos e ouvidos".

"Da multidão ali reunida indistintamente adiantou-se para a área um homem seguido por uma mulher, depois outro cavalheiro com sua respectiva dama, e assim sucessivamente foram saindo até 12 ou 14 pares que vieram, formando um círculo perfeito, colocar-se à roda do presidente. Ali postados, dando-se as mãos e conservando-as presas entre si, formaram uma cadeia viva que começou a girar em torno do chefe".

"Este agitou de novo o maracá, mais brando agora, e ao compasso do mesmo entoou uma quadra a que os dançantes responderam em côro, cantando outra. E, dansando, continuaram alternativamente o canto, o qual não sei se lembrava histórias de amor ou se guerreiras façanhas de alguns dos seus heróis; pois era expresso numa algaravia estranha de que não entendi uma única palavra".

"Depois de executados inúmeros giros, cessaram a um tempo a dansa e o canto, e uma das damas, destacando-se do círculo, encaminhou-se ao tamborete e, vasando na bacia uma porção de aguardente do garrarão, apresentou-a gentilmente ao diretor".

"Este mergulhou a chícara na bacia e levou-a sofregamente aos lábios; depois deu um grande estalo com a língua no céu da boca e... repetiu a primeira operação".

"Servido o chefe, a encarregada das libações percorreu todo o círculo, apresentando a cada um dos convivas a bacia, enquanto a chícara ia passando de mão em mão, até que foram todos servidos, sendo ela a última a desalterar-se, mas em compensação, duplicando o "gole", a exemplo do chefe".

"Findo o beberete, recomeçaram mais animadas as dansas e o canto que, a breves intervalos, foram de novo interrompidos para segunda e terceira distribuição de aguardente".

"Em breve começaram a manifestar-se claramente em todos os convivas os variados efeitos da bebida; e já a dansa e o canto eram entremeados de saltos e berros, quando felizmente uma cena burlesca veio pôr termo a função".

"Um dos dansadores saiu precipitadamente do círculo e, de um pulo, encarapitou-se nos ombos do "mestre sala", em cuja cabeça poz-se a bater compasso com o maracá que lhe arrancara da mão, enquanto com roufenha voz lhe ia arremedando o canto".

"Ao envéz do Tritão dos Lusíadas que, cavalgado por Dione, lhe sentia o peso, "de soberbo com carga tão formosa", o pobre caboclo cujas pernas vergaram ao peso do importuno cavaleiro, dava as mais inequívocas provas de seu vexame e repugnância, procurando a todo transe desvencilhar-se dele".

"Depois de vários saltos e cabriolas pôde afinal, com grandes esforços, alijar de si o desgracioso fardo, entre os gritos, apupos e gargalhadas dos circunstantes. E assim acabou-se o **Torém**.".

O escritor Raimundo Girão confirma o Padre Antônio Tomás: "O **Torém** é conhecido no município de Acaraú e é executado com interessantes cânticos, animados pela ingestão de bebidas fermentadas, principalmente o suco de caju (mocororó)".

Ocorre, todavia, que, segundo os entendidos na matéria, nos dias de hoje o **Torém** está sensivelmente deturpado em sua estrutura, em seu primitivo significado, seja na coreografia, seja nas estrofes, seja nas palavras e expressões do canto. Girão afirma que "a sua língua desapareceu, por assim dizer, totalmente".

O Torém, no entanto, era a dança que aqueles **silvícolas** mais preferiam e mais apresentavam, dançando e cantando, em seu idioma travado. E foi pelo **Torém** que as danças folclóricas tiveram origem, neste município de Acaraú.

O eminente folclorista Florival Seraine, anos atrás fez, **in loco**, um estudo de profundidade sobre esse folguedo indígena; e

o livro que publicou a respeito do mesmo estudo, tem servido de orientação a quantos, posteriormente, se têm ocupado do assunto. Seraine afirma: "Vê-se, pela coreografia, pelas expressões que entram no texto musical, pelos tipos raciais que tomam parte na dança, que o **Torém** é de procedência indígena". E adianta que é dança de praça, de terreiro, que requer espaço suficiente para sua perfeita execução.

E parece que os bamboleios, o ritmo, a **técnica** coreográfica do **Torém** é um segredo exclusivo dos Tremembés, pois Silva Novo diz que quando os descendentes dessa famigerada tribo dançam sua exótica ciranda, "as manifestações tomam um cunho folclórico primitivo".

E o paciente dr. Florival Seraine conseguiu entender a algaravia em que as estrofes do canto são expressas, ao ritmo do **aguaim**. Data vênia, transcrevemos algumas das que estão inseridas em seu livro "Antologia do Folclore Cearense":

— "Nagura, nagura
Guainxê,
Nagura, nagura
Guainxê,
Vamo pro Cuiabá
Ariguê".

Ao que o coro repete em refrão:

— "Vamo pro Cuiabá
Ariguê".

— "Guirará vidiú
Vi...tain (h) a
Guirará vidiú pôpê,
Guirará vidiú pôpê".

.....

"Ô jari mivê,
Ô jari mivê
— Aqui manin
Mãnima cêrêrê

.....

— "Canin gadiá
Andê cuiã
Édiri dirirá
É cuiã de gandugá",

Os cantos são marcados pelo **aguaim** que o "chefe" tange com admirável habilidade. E os participantes do folguedo, de vez em quando, tomam uma **lapada** de **mocororó** ou mesmo de cachaça, quando falta o suco do caju, como no caso da apresentação assistida pelo Padre Antônio Tomás. É que a bebida fermentada esquenta o ânimo dos dançarinos, tornando os movimentos mais vivos e, por isto mesmo, a função mais interessante para a assistência.

Ao tempo em que o escritor Florival Seraine assistiu o **Torém**, seu diretor era o caboclo José Miguel, descendente dos Tremembés, e que residia na praia de Lagoa Seca, circunvizinhança de Almofala. Afirmava ele haver aprendido, a dança de um seu tio, cujo mestre fora "seu próprio genitor, índio puro casado com mulher de sua raça".

Já o poeta Silva Novo, que também esteve em Almofala, estudando mencionado folguedo, encontrou ali, na chefia, "Tia Chica, índia de 99 anos, cega pela catarata e alquebrada pelo tempo que lhe açoitava rijamente a carcassa".

Todavia, segundo informa Silva Novo, o **Torém** como que faz remoçar, galvanizando seus dançarinos, pois quando, aí pelo ano de 1965, ele conseguiu, à custa de ingente trabalho, levar 66 elementos dessa famosa dança a Fortaleza, para exibí-la na Concha Acústica da Universidade Federal do Ceará, "Tia Chica estava feita uma carrapeta doida. Tangia com tanta perícia o **aguaim**, que deslumbrava os folcloristas presentes".

No dia 31 de julho de 1979, o Prefeito Manoel Duca da Silveira Neto mandou vir a esta cidade um grupo de dançarinos do **Torém**, para fazer parte do programa de comemorações do 130.º aniversário do município de Acaraú.

Esse grupo aqui se apresentou no Clube Recreativo Acarauense, sendo muito aplaudido, pelo numeroso público que se fez presente à exibição. O dirigente era então Geraldo Cosme,

que o fazia com perícia de mestre. Aliás, Geraldo Cosme é um apelido, pois seu nome verdadeiro e completo é Manoel Cosme do Nascimento, conforme registro no Cartório do Oficial Raimundo Domingues Tavares, que nos forneceu a informação.

José Miguel e Tia Chica já deixaram este mundo velho besta, em demanda da Terra Prometida, o mesmo acontecendo ao **Aranheiro** Chico Mossoró.

Outra dança folclórica muito apreciada em Almofala e lugares limítrofes é a **Aranha**, que também é apresentada pelos descendentes dos Tremembés.

Fala Silva Novo que "a **Aranha** é uma dança diversional e imitativa que tem mais ou menos as características do **Torém**, pelo menos quanto à **forma, função** e significado. Os trejeitos do corpo imitam a aranha tecendo sua teia".

Não assistimos ainda a exibição da **Aranha**, porém sabemos, por ouvir dizer, que ela constitui atraente diversão popular em Almofala e adjacências.

Ao que fomos informados, este folguedo teve início já na primeira metade do presente século, criada por um tal Chico Mossoró, caboclo riograndense do norte, e que, muito provavelmente **plagiou** aquela dança indígena. Sua apresentação se faz também em campo aberto e atrai grande concorrência de apreciadores. Alguns promotores da tal brincadeira já foram convidados a Fortaleza, onde a apresentaram, com relativo sucesso.

A função tem realização em terreiro amplo. Inicialmente forma-se um círculo com gente de ambos os sexos e de qualquer idade, desde que não seja criança nem decrépito. Dão-se as mãos, numa roda, tendo ao centro o "chefe" ou **Tirador-de-Aranha**, com uma sanfona ou viola, enquanto outros integrantes do folgledo agitam instrumentos diversos, como ganzá, cabacinhas, triângulo e outros. A dança consiste na rotação do círculo vivo em ritmo de baião, e cujos componentes ora convergem para o centro, quase juntado-se ao "chefe", ora recuam, com trejeitos, para a **periferia**. Ao compasso da música, o **Tirador** entoa quadras como estas:

"Ô lê-lê, rapaziada,
Serra o pau e apara o pó;
Esta **Aranha** não é minha;
É do Chico Mossoró".

"Meu nêgo esta nossa **Aranha**
É gostosa prá danar.
Tem o balanço das ondas,
Tem a toada do mar".

Ao que os demais participantes respondem em refrão:

"Tiririm, tiririm, tintim
Tiririm, tiririm, tintim".

Como poderão ver, nas estrofes, a linguagem é muito nossa; nada tem de indígena. Entretanto, segundo nos informaram, na **Aranha** também não falta o **mocororó** ou aguardente, que são como que o condimento indispensável para o bom êxito da função.

Eduardo Campos — "Estudo do Folclore Cearense" — diz que "o advento das mais modernas diversões, o cinema, o rádio, o futebol, etc., está tornando difícil a formação de novos grupos festeiros para divertimentos sadios". Mesmo assim, no entanto, a **Aranha** ainda consegue reunir vultoso número de apreciadores, nos terreiros onde é apresentada.

Silva Novo informa que "em 1954 um tal Francisco Mossoró trouxe esta dança do Rio Grande do Norte", de onde provavelmente o **Aranheiro** herdou o próprio sobrenome — Mossoró.

O comerciante Chagas Melo, que várias vezes tomou parte na exibição da **Aranha**, nos forneceu as informações que aqui registramos sobre este folguedo. Entretanto, decorou ele apenas duas quadras que transcrevemos; isto em 1970, quando estivemos fazendo pesquisas para o nosso livro "Município de Acaraú", publicado em 1971.

Silva Novo, porém, relaciona uma série de estrofes, como estas:

“Minha Aranha,
Minha Aranha,
Hoje aqui vai começar;
"Ô jari mivê,
Aranha velha
Vai tecer no seu tear.
Quero ver Aranha Nova
Tecer sem ter pongá".

"Essa Aranha que eu canto
Ela veio da banda do Sul;
Eu só canto a minha Aranha
Quando é tempo de caju".

"Brinca eu e todo o povo
Brinca eu e brinca tu.
Só quem vem para a Aranha
É só quem gosta de brincar"

"Aqui dentro de Almofala
É prá todo pessoá.
É brincadeira dos índios
Que eles gostam de brincar".

"É Francisco Mossoró
Que está com o ganzá na mão!
É Francisco Mossoró,
Que ele é o **Aranheiro**".

E assim por diante. Sucede que o refrão colhido por Silva Novo é diferente do que Chagas Melo nos ensinou; é assim:

"Starim, daridô dandô
Starim, daridô dandô
Starim, daridô dandô".

Provavelmente o grupo que hoje apresenta a **Aranha** não é o mesmo de 1970, e com o passar do tempo, solo e estribilho já foram modificados.

Deixamos aqui apenas alguns comentários sobre o folclore, mesmo porque não o estudamos nem o entendemos.

O estudo do folclore é muito complexo; e somente os mestres no assunto, como o dr. Florival Alves Seraine, dr. Eduardo Campos, Luiz da Câmara Cascudo e outros, estão capacitados e nos fornecer estudos profundos, completos e detalhados sobre este importante ramo da cultura popular brasileira e cearense.

É por isto que nós, leigos na matéria, a ela nos referimos nestas modestas **Notas**, apenas porque ela é um dos mais interessantes e apreciados atrativos de Almofala. O folclore tem uma importância muito relevante para os turistas que procuram aquela histórica povoação e aquela encantadora praia acarauense, para as suas horas de lazer, para os seus dias de repouso.

## ARTESANATO

Agora vamos tratar do artesanato, naquela localidade praieira.

No ano da graça de 1884 ali esteve o eminente historiador cearense, Antônio Bezerra e, em suas "Notas de Viagem" ele informa que, visitando aquela famosa povoação litorânea, teve ocasião de conhecer o artista Lourenço Correia de Sousa Lima, que lhe mostrou "chapéus de todos os feitios, flores artificiais das mais perfeitas, instrumentos de música que em nada desmereciam dos fabricados no estrangeiro, estátuas de difícil entalhadura, desenhos gravados em madeira, fotografias", etc., tudo confecionado por ele.

Atualmente ali não existe um artista do porte do sr. Lourenço, porém se confecionam rendas de bilros, redes de pesca, esteira de tabuba, tamancos, louça de barro, chapéus de palha e tucum e outros artefatos de reconhecida utilidade doméstica.

— . . —

Como veículo de comunicação e instrumento de cultura, em 1973 foi instalado, naquela tradicional povoação, a

"Irradiadora São Francisco", de propriedade do sr. Francisco Antônio de Sousa. Rapazes e moças cantavam poesias ao microfone e gravações eram transmitidas e oferecidas entre a população, através do autofalante, com o título de "Mensagens Sonoras".

Referido serviço de som pertence hoje ao sr. Francisco Tarcísio de Aguiar, mas continua prestando seu serviço ao povo de Almofala.

# VIDA POLÍTICA

## DISTRITO DE ALMOFALA

A vida política e jurídica de Almofala, é realmente carente de importância, isto é, necessita de significado dentro do contexto da vida municipal de Acaraú.

Sim, porque da condição de simples aldeamento indígena, aquela localidade foi elevada à categoria de Distrito Administrativo, porém, a modéstia de sua apresentação urbana e o escasso número de sua população, sem o trabalho, sem a assistência e atuação efetiva e interessada de alguns líderes para promovê-la, a prisca povoação não pôde tomar relevo no quadro político municipal.

Somente agora, depois de ter na Câmara Municipal de Acaraú, três vereadores eleitos por gente daquela área, Almofala vai emergindo de sua humilde condição, para uma esfera mais digna e mais destacada.

Todavia, a vida jurídica e política daquela povoação marítima, de qualquer maneira, teve origem com a criação de seu Distrito.

O município de Acaraú foi criado pela Lei n.º 480, de 31 de julho de 1849, porém sua instalação oficial somente teve lugar depois da eleição e diplomação de seus vereadores, a 5 de fevereiro de 1851.

A Câmara de Acaraú, que centralizava os poderes executivo e legislativo, uma vez legalmente instalada, iniciou seus trabalhos de organização da vida administrativa desta unidade do Estado do Ceará.

Naquela fase de transição, quando o município engatinhava nas primeiras tentativas de tornar-se, positivamente, uma "unidade autônoma da federação brasileira", aquela casa de legislação tinha numerosos problemas a solucionar.

Pois bem: logo na sessão ordinária da Câmara, realizada a 11 de março daquele mesmo ano, 1851, o Vereador Simplício de Araújo Costa, (tio-avô do autor desta monografia) "requereu que se dividisse o Termo deste Município em Distritos, na conformidade do art. 55, da Lei de 1.º de Outubro de 1828, para comodidade de seus munícipes, o que foi aprovado por todos os senhores Vereadores que se achavam presentes".

O projeto em referência dizia o seguinte: "Fica compreendido o Distrito da Povoação de Almofala, do sítio Papagaio, exclusive, para Leste, até o fim da Freguesia".

Eram esses, então, os limites oficiais do Distrito de Almofala, marcados pela augusta Câmara de Acaraú.

Entretanto, dois anos mais tarde, isto é, a 15 de dezembro de 1853, o Presidente Joaquim Vilela de Castro Tavares, assinou a Lei n.º 873, suprimindo aquele distrito.

O tempo correu e decorreu e, em data de 12 de dezembro de 1863, o Distrito de Almofala foi restaurado, por força da Lei n.º 1084, sancionada pelo dr. José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, então Presidente da Província do Ceará.

Parece que não houve mais nenhuma alteração quanto ao distrito de Almofala, até que o Presidente Luiz Antônio Ferraz, já no período republicano, firmou a Lei de 6 de setembro de 1890, criando o distrito de Tanque-do-Meio (hoje Itarema), com a inclusão, em seu território, do distrito almofalense, o qual, conseqüentemente, foi extinto.

O jornal "Correio do Acaraú", dirigido pelo saudoso acarauense Antônio Ferreira Sales, em sua edição de 10 de julho de 1949, informava que o cel. José Filomeno Ferreira Gomes, então deputado à Assembléia Legislativa do Ceará, estava "trabalhando pela criação do distrito de Almofala, o que representa uma antiga e justa aspiração daquele povo".

Não foi possível, naquela época, mas por força da Lei n.º 6.690, de 23 de dezembro de 1963, assinada pelo então Governador Virgílio Távora, Almofala foi novamente elevada à categoria de distrito.

No entanto, dois anos mais tarde, o então Governador Joaquim de Figueiredo Correia sancionou as Leis nºs. 6.809 e

6.956, que haviam criado os municípios de Cruz e Itarema, desmembrados do município de Acaraú, sendo extintos, também, por inconstitucionais, os distritos anteriormente criados, entre os quais o de Almofala.

Ao tempo em que aquela povoação tinha categoria de distrito, as autoridades administrativas do município de Acaraú mantinham ali um Fiscal Municipal, para cuidá-la e tomar as medidas necessárias à marcha normal da comunidade.

Tanto era assim que, em sessão de 13 de outubro de 1874 "o Presidente da Câmara autorizou o pagamento de dezoito mil setecentos e cinqüenta réis ao Fiscal de Almofala, referente a 9 meses de seu ordenado". E a 6 de julho de 1885, o Fiscal Custódio Sérgio de Maria Vasconcelos apresentou à Câmara um Relatório sobre suas atividades funcionais em Almofala, referente ao 2.º semestre daquele ano. O Relatório dizia o seguinte: "Fiz a correiação sobre limpeza de ruas, de conformidade com as posturas da Câmara e achei tudo em bom estado. E são estas as ocorrências que se derão no Distrito de Almofala".

## JUÍZES DE PAZ

Agora, vamos recuar no tempo, outra vez, para informar que quando foi criado o distrito de Almofala, a Câmara de Acaraú passou a eleger regularmente seu respectivo Juiz de Paz, "dentro do espírito da Lei". O Juiz de Paz tinha atribuições jurídicas e era encarregado de fazer cumprir as leis e decretos que diziam respeito aos interesses da coletividade, na povoação e em todo o território do distrito.

Consoante conseguimos encontrar no arquivo da Municipalidade, exerceram aludido cargo naquela histórica povoação os seguintes cidadãos:

— Luiz Antônio Pena — eleito a 20 de setembro de 1852.
— Manoel Inácio de Santana — eleito a 20 de dezembro de 1852.
— José Sousa Marinho — eleito a 3 de março de 1857.
— Joaquim Martins dos Santos Oliveira — eleito a 26 de dezembro de 1868.

— João Rodrigues de Mata — eleito a 19 de setembro de 1872.

Mais tarde, era a autoridade policial que mantinha a ordem naquela anosa povoação e naquele distrito.

É por isso que, a 13 de setembro de 1880, "o Presidente da Provincia do Ceará, atendendo às qualidades que concorrem na pessoa do Cidadão Joaquim Ferreira de Araújo, resolve nomeá-lo para o cargo de Subdelegado do Distrito de Almofala".

ass. André Augusto de Pádua Fleury — Presidente

Presentemente, Almofala, embora sem a condição de Distrito, é representada na Câmara Municipal de Acaraú, pelos Vereadores Francisco Tarcísio de Aguiar, Elesbão Ferreira Gomes e José Maria Monteiro, o primeiro residente na própria povoação e os outros dois residentes em suas adjacências.

# VIDA ECONÔMICA

## O PESCADO

Não há dúvida que o pescado constitui o suporte máximo da vida econômica de Almofala, desde os seus primórdios.

Tanto isto é verdade, que Gaspar Viegas, em carta de 1534, denominou a costa acarauense de "terra da pescaria". E os Tremembés eram "hábeis pescadores marinhos" que nunca se afastavam das praias.

Em Almofala existe, efetivamente, uma praia ampla e piscosa, de onde a comunidade tira não somente os meios da própria subsistência, mas também de onde retira vultosa quantidade de peixes e crustáceos que são vendidos em Fortaleza e outros centros consumidores do Ceará e dos Estados vizinhos.

Entre as numerosas espécies que têm seu **habitat** naquela praia, o **camurupim** tem relevo especial, sobretudo pelo seu sabor e pelo seu tamanho. Sua pescaria se faz por meio de **currais** de madeira ou de arame.

Consoante a tradição oral, a pescaria por meio de **currais**, nas praias acarauenses remonta ao alvorecer do século XIX. Inicialmente, os currais eram feitos de varas e despescados a pé enxuøto, na vasante das marés. Então era tal a abundância de peixe, que espinhaços e cabeças de **camurupim** eram postos em rumas e queimados ao redor das **pesqueiras**, para desocupar o terreno.

Entretanto, com o aumento da pescaria, o peixe foi escasseando na água rasa e, em conseqüência, os **currais** foram avançando para o mais fundo.

Os primeiros currais de arame foram colocados em nossa praia em 1926, pelos saudosos acarauenses, cel. Bento Lousada Gonçalves e Paulo Martins dos Santos, com arame de 1$000 o

quilo. Hoje, um **curral**, depois de assentado, vai somar nada menos de Cr$ 50.000,00, pois o quilo de arame está custando nada menos de Cr$ 60,00.

Como é sabido, também se fazem **currais** tecidos de vara e cipós, porém estes são encravados em água rasa. E a **toreira** os destrói com muito mais facilidade do que os que são feitos de arame.

Presentemente o camurupim está escasso em nossas águas litorâneas. E a pescaria efetuada no período pré-desova é responsável pela escassez que está se verificando. Alguns pescadores mais pessimistas chegam a vaticinar que não será difícil a extinção da espécie, se providências não forem tomadas, no sentido de regularizar o exercício da pesca, estabelecendo-se a época apropriada a essa pescaria.

Malgrado essas profecias negativas, a safra de camurupim, na praia de Almofala, em 1979, foi mais ou menos compensadora, segundo fomos informados por industriais de pesca que operam naquela localidade.

Aliás, a costa de Almofala sempre foi propícia à pesca desse saboroso espécime de nossa fáuna marinha.

E foi por isto que, nos anos de 1962/64, o saudoso industrial Manoel Lousada Gonçalves instalou naquela povoação uma pequena indústria de conserva de camurupim. Era como que uma filial da grande "Fábrica Dulce — Indústria de Conservas Alimentícias", que então funcionava nesta cidade de Acaraú, com uma vultosa produção e um notável movimento, exportando o produto para Fortaleza e outros centros consumidores do Ceará e do país.

## AINDA OS CURRAIS

Em tempos que já vão muito longe, os **currais** de pesca eram coletados pela Municipalidade, para pagamento de impostos, com o respectivo registro ou matrícula.

Acontece, todavia, que, em compensação, as autoridades constituídas do Município prestavam efetiva assistência a essa pescaria, garantindo, igualmente, o seu exercício, em qualquer ponto da costa acarauense.

No ano de 1851, ano da instalação do Município de Acaraú, cada **curral** era coletado para pagar a taxa de 4$000 anuais.

Em sessão ordinária de 20 de maio de 1876, o Presidente da Câmara "autorizou o Fiscal de Almofala a tomar em consideração a queixa que apresentou José Gonçalves da Costa, proprietário de **currais** de pescaria da Carreira 1, em cujas **espias** pesca constantemente Antônio Francisco Vieira, com infração do art. 41, da Lei n.º 85, de 15 de outubro de 1852".

Em data de 11 de janeiro de 1868, o Fiscal Municipal de Almofala informou à Câmara de Acaraú existirem "onze **currais** funcionando" naquela praia.

Pelo que ficou registrado, a gente toma conhecimento de que naquela época o exercício da pescaria, por meio de **currais**, era cuidadosamente controlado pelas autoridades municipais.

Atualmente, existem na praia de Almofala apenas quatro **currais**. É que, em conseqüência da desvalorização da moeda brasileira, o custo desses engenhos de pesca está muito elevado, seja o arame, seja a madeira, seja a mão-de-obra. E naquela localidade, como em quase toda a costa acarauense, são poucos os pescadores em condições de fazer um investimento assim mais dispendioso.

Afora o camurupim, outras espécies, como: Pargo, Guaiuba, Cavala, Arabaiana, Serra, Cação, Garajuba, Tainha, Pescada, Xarel, Aruanã, etc. são capturados também de linha, redes, capoeira e outras armadilhas de pescaria, ao passo que a lagosta é capturada de manzuá.

## ASSISTÊNCIA AOS PESCADORES

No que concerne à assistência prestada aos pescadores almofalenses, pouco há o que registrar, porque os órgãos governamentais têm se descuidado dessa numerosa e laboriosa classe, razão por que não conta ela com o incentivo de que necessita para o desenvolvimento de suas utilíssimas atividades.

Uma iniciativa de bom proveito para os pescadores de Almofala, foi a fundação, em 1954, da Colônia Z-10, cuja diretoria era composta dos srs. Adonias Alves da Costa —

Presidente; Francisco Ferreira de Sousa — Tesoureiro; Pedro Alves da Costa — Secretário.

Então, os pescadores colonizados tinham direito a escola para seus filhos e outras vantagens que satisfaziam suas modestas reivindicações.

Todavia, em virtude de medida adotada pelo Programa de Desenvolvimento da Pesca, do Ministério da Agricultura, em 1976 as Colônias de Pesca foram extintas, com excessão apenas da Colônia da sede municipal. Então, em Almofala foi nomeado Capataz o sr. Pedro Alves da Costa, que tem funções ligadas à pesca local, representando a antiga Colônia Z-10.

Neste ano de 1979 a Colônia de Pesca de Acaraú, que controla o serviço em toda a costa acarauense, em convênio com o PRODECOR, mandou construir, na povoação de Almofala, um prédio moderno em o qual será instalado um Posto de Saúde, que vai beneficiar a laboriosa classe dos trabalhadores do mar, possibilitando às suas famílias assistência médica de que ela tanto necessita. Aliás, já funciona ali um ambulatório, com assistência dos drs. Francisco Odeon Silva e Raimundo Nonato Fonteles.

Presentemente o dirigente da Colônia de Pesca de Acaraú é o Cabo da Marinha, Raimundo Coutinho de Carvalho, que sucedeu ao sr. Manoel Nicanor dos Santos.

Desde 1975 a Superintendência do Desenvolvimento da Pesca vinha mantendo em Almofala um técnico em assuntos de pesca. Mesmo serviço vem de ser encampado pelo PRODECOR, e seu encarregado, que é o sr. Hugo Benedito Alves, é hoje Coletor de Dados, cujo trabalho é controlar as embarcações de pesca, anotando, para o Departamento de Estatística daquele órgão, a quantidade, a espécie, o peso e o valor comercial do peixe capturado naquela praia.

São numerosos os aparelhos de pesca usados em Almofala. E o ilustre folclorista Florival Seraine informa que na vizinha praia de Lagoa Seca "ainda usam o arco e a flexa, para pescar bagres nos **alagados** do mangue". Aliás, Ildefonso Albano já dissera que "para a pesca do bagre o Mané tem a flexa e a preaca".

As embarcações de pesca presentemente em serviço na praia de Almofala, são as seguintes: 1 barco a motor, 10 botes à vela, 15 canoas, 30 barcos à vela e 10 paquetes, que são pequenas jangadas.

E é realmente fascinante a gente ver aquelas ligeiras embarcações "ao sopro do **terral** abrindo a vela,/ na esteira azul das águas arrastada", como diz o Príncipe Antônio Tomás.

## O CÔCO — A MANDIOCA — A CANA-DE-AÇÚCAR

Depois do peixe, vem, como elemento de peso na economia local, o côco-da-Bahia (Cocus Necífera), introduzido no Brasil, pelos portugueses, em 1553, como informa o historiador Raimundo Girão.

Na verdade, aquela bonita praia é juncada de um denso coqueiral, cuja produção representa copiosa fonte de renda para os seus proprietários. Isto, sobretudo, porque o côco não é consumido somente no Estado do Ceará; é exportado, também, para os Estados de São Paulo, Pará e outros destinos.

E esta fonte de renda bem maior poderia ser, se ali fosse instalada uma fábrica de beneficiamento do côco, convenientemente aparelhada, como uma que dizem haver em Pernambuco, de tal forma que pudesse utilizar a casca para confecção de tapetes e capachos, a amêndoa para extração do óleo, o bagaço da amêndoa para doces e farinha-de-côco e o endecarpo (quenga) para combustível nas caldeiras.

Assim, com o aproveitamento total do côco e seus subprodutos, aquela cultura seria de fato muito mais compensadora.

Outros produtos da agricultura, como: cana-de-açúcar, mandioca, cereais, banana, batata doce, mamona, etc., têm igualmente marcante influência na vida econômica de Almofala, vindo, em seguida, a pecuária, nas espécies bovina, eqüina, assinina, suína, caprina e lanígera.

A lavoura é exercida por uma quantidade bem vultosa de habitantes daquela área. Tanto assim que na povoação de Almofala funciona uma Delegacia do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Acaraú, com crescido número de associados, tendo como representante o sr. José Libânio de Menezes.

## INDÚSTRIAS

Ao que consta, em fins do século passado e princípios deste século, foram abertas algumas salinas naquela praia. Entretanto, ou porque seus proprietários não dispusessem de recursos para o desenvolvimento da indústria, ou em conseqüência das dificuldades de transporte, bem como do irrisório preço do sal marinho, o que é fato é que essas salinas deixaram de ser exploradas e ninguém mais tentou sua recuperação.

Solo fértil e adaptado ao cultivo da cana-de-açúcar, têm sido instalados naquela povoação e localidades vizinhas numerosos engenhos e alambiques para a fabricação de rapadura e aguardente.

Desde recuados tempos, porque, em ofício datado de 6 de maio de 1857, a Câmara de Acaraú informava ao dr. João Silveira de Sousa, na época Presidente da Província do Ceará, que neste município existiam "em funcionamento 38 engenhos para o fabrico de rapaduras", um dos quais instalado no povoado de Almofala.

Presentemente existem duas dessas fábricas: uma, pertencente a Francisco Tarcísio de Aguiar e outra de propriedade de José Maria Monteiro.

No decurso dos anos, também tem funcionado ali diversas padarias, modestas como a que existe atualmente, gerenciada pelo industrial Antônio Libânio de Almeida.

Uma indústria humilde, mas que vem sendo explorada na praia de Almofala, por muita gente, é a coleta do "Lôdo" — algas marinhas.

Os pescadores, aos mergulhos, apanham aqueles espessos filamentos, põe-nos ao sol, e depois de secos, são embalados em sacos de plástico e vendidos, no quilo, aos negociantes interessados na aquisição do produto. Este é vendido em Fortaleza, de onde, depois de convenientemente beneficiado, é transportado para os Estados Unidos.

Ao que se diz, essas algas marinhas — o "Lôdo" — têm aplicações diversas, sendo empregadas até mesmo na medicina.

Vem a propósito registrar aqui que aí pela segunda metade do século XIX, funcionava na "Fazenda Patos", localizada a 10

quilômetros de Almofala, entre a foz do rio Aracati-mirim e a barra do Aracati-açu, uma boa fábrica de açúcar, aguardente e rapadura.

Mencionado estabelecimento industrial era equipado de notável maquinaria, o que bem demonstrava a alta visão de seu proprietário.

E acresce que, naquela época, havia ali um porto natural, segundo fomos informados, onde os produtos eram embarcados para as Províncias de Pernambuco, Bahia e Maranhão.

Achamos oportuno nos desculparmos aqui de um equívoco ocorrido em nosso trabalho "Município de Acaraú — Notas Para Sua História", pág. 181. É que nesse livro, em vez do nome do cel. José Frederico de Andrade, proprietário da fábrica, registramos o nome de seu genro, cel. José Gomes Rodrigues de Albuquerque, outro grande fazendeiro e industrial na mesma localidade, mas que, consoante nos informaram, ali instalou sua própria indústria já no último quartel do século XIX.

A 1.º de agosto de 1979, a firma Itarema Frio Ltda., composta dos industriais Mauro Fernandes de Oliveira e José Filomeno Ferreira Gomes Neto, inaugurou, em "Porto do Barco", a 5 quilômetros de Almofala, o "Frigorífico Itafrio", para fabricação de gelo; é aparelhado com duas câmaras frigoríficas, para conservação do pescado.

Presentemente o industrial José Maria Monteiro está concluindo a instalação de outro frigorífico, em "Torrões" — arredores de Almofala. Referido estabelecimento também dispõe de duas câmaras frigoríficas.

Essas indústrias estão prestando inestimáveis serviços aos pescadores daquela área, abrindo novos horizontes a esses "denodados batalhadores do mar", em seu temerário labor de todos os dias.

## O COMÉRCIO

Com relação ao comércio naquela antiga povoação marítima, em data de 3 de março de 1874, Justino Alves de Sousa, Pedro Bento de Miranda, Agostinho da Cunha Araújo,

Pedro de Alexandria e Inácio José de Castro obtiveram licença da Câmara de Acaraů, "para vender bebidas generosas e espirituosas e gêneros do país, na Povoação de Almofala, pagando cada um mil réis de imposto".

Aliás, o comércio daquele povoado não vem registrando o movimento e o desenvolvimento que era de esperar, não sabemos por qual motivo.

Atualmente acham-se estabelecidos ali os seguintes comerciantes: João Pereira Ramos, Francisco Tarcísio de Aguiar, Clarice Tomás de Sousa, Sebastião Ferreira, José Cordeiro, Agripino Tomás de Sousa, José de Paula Nascimento e Antônio Afonso dos Santos. Entre outros, duas lojas de tecidos, uma farmácia e um bar.

## ILUMINAÇÃO ELÉTRICA E ESTRADAS

O serviço de iluminação elétrica pública e domiciliária naquele histórico povoado acarauense aconteceu em duas etapas: a primeira em 1972, quando o então Prefeito João Jaime Ferreira Gomes requereu e conseguiu, com a Companhia de Eletricidade do Ceará (COELCE) referido melhoramento, e quando, conseqüentemente, foram fincados os postes e colocados os fios no perímetro urbano; a segunda, em 1975, quando o Pe. Aristides Andrade Sales, então Prefeito de Acaraú, instalou a R. D. entre a vila de Itarema e Almofala, cuja inauguração realizou-se a 11 de outubro daquele ano.

Alusivamente às vias de transporte e comunicação naquela povoação litorânea, a Câmara de Acaraú, em reunião ordinária de 13 de julho de 1855, entregou ao Fiscal Municipal a relação das estradas a serem cuidadas e conservadas, inclusive "a que da esquerda sobe lago acima, e vai terminar no Povoado de Almofala".

O historiador Antônio Bezerra, em suas "Notas de Viagem", fala de "uma estrada trilhada por carros de bois, a qual conduzia ao simpático povoado de Almofala". Gustavo Barroso dá notícia de que os materiais de construção da igreja de Almofala "foram para ali conduzidos em carros de bois". O professor Renato Braga confirma Gustavo: "Daí seguiam em

carros de bois para o local da obra". E o historiógrafo Carlos Studart Filho alude a "um estirão pouco freqüentado que vinha de Fortaleza e cortava os povoados de Silpé, Trairi e Almofala".

E Silva Novo fala de "uma carroçável bastante arenosa, muitas vezes com a bitola forrada de cascas de côco e bagaço de cana". A mesma que percorremos quando viajamos à Almofala.

Entretanto, é verdade que nenhum Prefeito de Acaraú se tem descuidado da estrada que dá acesso àquela tradicional povoação.

Ocorre, porém, que aquela via de trânsito se localiza na areia frouxa da praia. De maneiras que, para adaptá-la eficientemente ao tráfego de veículos, necessário se torna o dispêndio de recursos que ultrapassam às possibilidades financeiras da municipalidade. Aquilo é obra para o governo federal ou estadual; é trabalho para o DNER ou para o DAER.

Aliás, em dias do mês de agosto do ano de 1979, uma comissão de vontadosos acarauenses, integrada pelo deputado Orzete Filomeno Ferreira Gomes, por uma representação do Lions Clube de Acaraú, sob a chefia de seu operoso Presidente, Monsenhor José Édson Magalhães, e pelo Prefeito de Acaraú, sr. Manoel Duca da Silveira Neto, foi recebida em audiência especial pelo Governador Virgílio Távora.

Na oportunidade, aqueles ilustres conterrâneos formularam um apelo a S. Exa., o Chefe do Executivo estadual, no sentido de que os trabalhos de melhoramento da rodovia Acaraú-Itarema, ora ativados, sejam prolongados até à povoação de Almofala.

Consoante reportagem publicada no jornal O POVO, edição de 16 do referido mês, o Lions Clube de Acaraú fez entrega, então, ao Sr. Governador de um circunstanciado ofício, alinhando os motivos que muito bem justificam esse pedido feito em nome da coletividade acarauense.

S. Exa. o Sr. Governador mostrou-se vivamente interessado pelo solucionamento do problema, de tal modo que, na mesma ocasião, despachou o pedido para o Diretor do DAER,

recomendando que mesma obra fosse construída em janeiro de 1980.

Como documentação para esta singela monografia, **data vênia**, transcrevemos a seguir o ofício do Lions Clube de Acaraú, sociedade que, não obstante sua recente inauguração nesta cidade, já se credencia à admiração e ao reconhecimento do povo acarauense, mercê das meritórias promoções que vem realizando em benefício da comunidade, com positivos reflexos na vida sócio-cultural de Acaraú.

A seguir, o ofício do Lions:

"Acaraú, 15 de agosto de 1979.

Exmo. Sr. Governador do Estado

O Lions Clube de Acaraú, através de sua diretoria, respeitosamente pede a Vossa Excelência queira determinar que o asfalto ligando Acaraú à Itarema seja prolongado numa extensão de 12 quilômetros, para atingir Almofala, alegando em sufrágio de tal solicitação as razões seguintes:

1 — O atual povoado de Almofala, outrora sede de Paróquia e aldeia dos índios Tremembés, foi o marco inicial da civilização construída na Ribeira do Acaraú;

2 — A comunidade de Almofala, ao longo do tempo, tem sido um arsenal inesgotável de valores primitivos, pesquisados e estudados por antropólogos, sociólogos, historiadores, destacando-se Gustavo Barroso, Antônio Tomás, Florival Seraine, e mais recentemente, a Universidade Federal do Ceará;

3 — A igreja de Nossa Senhora da Conceição, de Almofala, soterrada durante quarenta anos, foi tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional;

4 — A existência de um ambulatório médico na referida povoação, a sua linda praia, bem como a construção de frigoríficos na vizinhança, ajudam a justificar a solicitação.

Diante do exposto, o Lions Clube de Acaraú espera confiante de Vossa Excelência o deferimento para esta pretensão, que considera de alta significação, mormente para a cultura e o turismo do município e do próprio Estado.

Nesta oportunidade, apresentamos-lhe protestos de consideração:

Cl José Edson Magalhães, Presidente
Cl João Batista B. Capistrano, vice-presidente
Cl José Maria Fonteles, vice-presidente
Cl Valdir Machado Almeida, secretário
Cl Antenor Ferreira da Silva, tesoureiro
Cl José Jucá de Mesquita Paiva, diretor".

Sobre o assunto achamos oportuno transcrever aqui uma carta recentemente enviada ao Sr. Governador Virgílio Távora, pelo sr. Armando da Silva Martins, Presidente da Empresa Cearense de Turismo (EMCETUR).

Eis o teor da carta:

"Senhor Governador:

A localidade de Almofala, inserida na Região Turística VI, identificada no I Plano Integrado de Desenvolvimento Turístico do Estado do Ceará — Diagnóstico — 1979, situa-se na zona Litoral Oeste do Programa de Identificação do Espaço Turístico Nacional, elaborado pela Emcetur e aprovado pela Embratur.

"Sua igreja, sob a invocação de N. S. da Conceição de Almofala, construída na primeira metade do século XVIII — 1712 — é uma obra de aparência barroca das mais definidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional — IPHAN — e os recursos para a sua restauração já estão assegurados, bem como concluído o respectivo projeto.

"Seu artesanato se compõe de rendas e trançados de couro e de palha de carnaúba e seu folclore se destaca pela dança do **Torém**, muito ao sabor do povo da região.

"Com fundamento nos motivos acima expostos, e pelo Interesse que os mesmos despertam para o turismo de nosso Estado, permita-nos solicitar de Vossa Excelência autorizar que a Rodovia CE-008 — Acaraú/Almofala, numa extensão de 44 quilômetros, cujo primeiro trecho, com 30 quilômetros, já em

adiantada fase de conclusão, seja construída até o seu final, isto é, o trecho Itarema/Almofala, numa extensão de 14 quilômetros.

"Ao ensejo, reiteramos a Vossa Excelência os nossos protestos de estima e consideração.

Respeitosamente

Armando da Silva Martins — Presidente".

A carta em mensão, publicada na "Tribuna do Ceará", edição de 07.11.80, foi lida, da tribuna da Assembléia Legislativa do Ceará, em sua sessão de 06.11.80, pelo deputado Orzete Ferreira Gomes.

Na ocasião, o ilustre representante do município de Acaraú, naquela augusta casa de legislação estadual, renovou o apelo do Presidente da EMCETUR ao sr. Governador Virgílio Távora, salientando a carência e a conveniência da construção desse trecho da Rodovia CE-008, especialmente para os turistas e para os estudiosos do folclore daquele famoso povoado marítimo acarauense.

## LINHAS DE ÔNIBUS E CARROS EM SERVIÇO

A 2 de julho de 1966, foi inaugurada naquela povoação uma linha de ônibus da "Empresa Redenção", com duas viagens semanais à Capital do Estado, e a 25 de fevereiro de 1979, a "Empresa Acaraú" também inaugurou uma linha de ônibus entre Acaraú e Almofala, que durou apenas vinte meses.

Atualmente, Almofala está sendo servida por dois ônibus diários: um da "Empresa Redenção", que vem de Fortaleza, e outro do sr. Luiz Levy Pinheiro, que vem de Acaraú.

* *
*

Presentemente a povoação de Almofala conta, em serviço de trânsito, os seguintes veículos: 2 jipes, 4 caminhões, 2 camionetas e 2 automóveis.

# CEMITÉRIOS

Ainda no 3.º quartel do século XVIII, a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, que teve relevante papel na vida religiosa e social da povoação de Almofala, mandou construir, ao sul da Capela, um cemitério com muros de alvenaria. Nessa obra de serventia pública trabalharam muito os indígenas amalocados naquela praia do município de Acaraú.

E diz a tradição que parte dos tijolos empregados naquela construção veio da Bahia, como telhas e tijolos da famosa igrejinha.

Padre Antônio Tomás, em sua monografia intitulada "Almofala", escrita há quase uma centúria, assim se refere ao velho campo santo: "Ao longe, no recosto de verdejante colina, olhando para a igreja, estava assentado o pequeno cemitério de muros caiados, silencioso e discreto, esperando tranqüilamente os que se iam da vida, para por-lhes no seio misericordioso o agasalho do último sono".

A ação do tempo, todavia, acabou destruindo os muros do antigo cemitério, que, em 1920, foram substituídos por cerca de madeira. Esta igualmente foi sendo destruída, de maneira que em 1945 praticamente já não existia.

Foi por isto que, no jornal "O Acaraú", que então redatoriávamos, edição de 5.3.1953, registrando uma nossa visita àquela povoação, fizemos um apelo "às autoridades competentes", pedindo providências para o abandono em que se encontrava o cemitério, pois, segundo então nos informaram, os mortos estavam inumados em campo aberto, constando mesmo que os cachorros, violando as sepulturas mais recentes, se alimentavam dos defuntos ali sepultados.

O tempo defluiu e, em 1965, o então Prefeito João Jaime Ferreira Gomes mandou construir um outro cemitério naquela povoação, porém a obra não chegou a ser terminada.

Entretanto, em 1969, o Prefeito de então, Francisco Adenor Martins, mandou construir um novo campo santo, com muros de alvenaria. Referido cemitério foi inaugurado em data de 10 de março daquele mesmo ano — 1969.

## ALMOFALENSES EM DESTAQUE

Como dissemos, e como é sabido, Almofala está localizada aqui no extremo norte do Estado do Ceará, bem distante dos centros adiantados. As vias de transporte que lhe dão acesso sempre acusaram péssimas condições de trânsito; e sua população sempre foi constituída de gente pobre, em sua quase totalidade. Até os colonos estrangeiros que ali aportaram, nada trouxeram de suas terras, mesmo porque aqui vinham em busca de fortuna, na Colônia rica.

Não obstante, muitos de seus filhos tiveram a coragem de deixar o torrão-berço, para tentar, em outras terras, a conquista de um lugar ao sol, procurando horizontes mais dilatados e mais promissores.

É assim que diversos almofalenses chegaram a formar-se em casas de ensino superior ou diplomar-se em colégios de 2.º grau, emprestando, fora, um novo colorido à imagem de sua terra natal.

Entre muitos, conseguimos relacionar os seguintes e o fazemos em ordem alfabética:

— Benício Marrocos dos Santos, oficial da Marinha e advogado no Rio de Janeiro.
— Francisca Fernandes da Cunha Magalhães, formada em Enfermagem, trabalha em Brasília.
— Gerardo Luiz de Sousa Alves, cursa a Faculdade de Administração da UFC.
— Gabriel José Arcanjo, formado em advocacia, trabalha no Rio de Janeiro.
— José Milton de Oliveira, formado em Direito, reside em Brasília.
— Maria Doris de Sousa Alves, formada em Letras, exerce o magistério em Fortaleza.
— Maria Páscoa Rodrigues, acadêmica de Direito em Brasília.
— Maria Nilce de Santana, formada em Letras, trabalha em Fortaleza.
— Manoel Antônio dos Santos Fonteles, odontólogo em Fortaleza.

— Maria da Penha Cunha, Escrevente Substituta do 2.º Cartório e Escriva do Cartório Eleitoral da 30.ª Zona.
— Maria Núbia de Oliveira Matys, formada em Filosofia, reside em Brasília.
— Maria Vanúsia Oliveira Fernandes, formada em Ciências Contábeis, trabalha no Rio de Janeiro.
— Maria Marlene de Andrade, formada em Filosofia, é professora em Rondônia.
— Maria Hilda de Sousa, formada em Enfermagem, trabalha em Fortaleza.
— Maria Aldenir de Sousa, formada em Filosofia, ensina em Fortaleza.
— Maria Madalena de Castro, atriz de Televisão, trabalha no Rio de Janeiro.
— Marta Maria Cabral, formada em Letras, reside em Fortaleza.
— Maria Vilma de Sousa, tem curso de Secretária e trabalha em Fortaleza.
— Tte. Oscar Sales Pereira, formado em Veterinária, trabalha no Rio de Janeiro.
— Raimundo Ferreira dos Santos, cordelista, com alguns folhetos publicados, cursa a Faculdade de Filosofia da UFC.
— Rita Maria de Oliveira, formada em Geografia, trabalha no Rio de Janeiro.
— Raimundo Nonato de Andrade, acadêmico de Medicina em Fortaleza.
— Raimundo Inácio de Santana, formado em Letras, trabalha em Fortaleza.
— Raimundo Cordeiro dos Santos, advogado no Rio de Janeiro.
— Teresa Fernandes Cunha, diplomada pelo Colégio Virgem Poderosa e formada pela Faculdade de Filosofia da UVA, exerce o magistério em alguns estabelecimentos de ensino de Acaraú.

E entre as professoras diplomadas em 2.º grau, citamos as seguintes:

— Maria Janice Alves Bezerra
— Maria Lúcia Silveira
— Maria do Socorro Silva
— Maria Milagrosa Rodrigues
— Veralúcia Deodato Oliveira

## FONTES DE PESQUISAS

ALMOFALA — Padre Antônio Tomás
DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO CEARÁ — Álvaro de Alencar
A MARGEM DA HISTÓRIA DO CEARÁ — Gustavo Barroso
NOTAS DE VIAGEM — Antônio Bezerra
CRONOLOGIA SOBRALENSE — Con. F. Sadoc de Araújo
PEQUENA HISTÓRIA DO CEARÁ — Raimundo Girão
DICIONÁRIO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO CEARÁ — Renato Braga
HISTÓRIA DE SOBRAL — Dom José Tupinambá da Frota
O CEARÁ — Antônio Martins Filho e Raimundo Girão
ALMOFALA DOS TREMEMBÉS — José Silva Novo
PÁGINAS DE HISTÓRIA E PRÉ-HISTÓRIA — Carlos Studart Filho
ANTOLOGIA DO FOLCLORE CEARENSE — Florival Seraine
ESTUDO DO FOLCLORE CEARENSE — Eduardo Campos
ANUÁRIO DO CEARÁ — Dorian Sampaio
MUNICÍPIO DE ACARAÚ — Nicodemos Araújo
REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ
REVISTA BRASILEIRA DE CULTURA
ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE ACARAÚ

IMPRENSA OFICIAL DO CEARÁ — IOCE

IMPRENSA OFICIAL DO CEARÁ – IOCE
DIGITALIZADO POR ROSIMEIRE FREITAS, EM 2024